

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES – IARTE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA

STÉFANY ANTONIA SILVA

**A GRADUAÇÃO EM DANÇA E AS PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA (PcDs):**

**Uma reflexão sobre o ponto de vista de PCD's na
cidade de Uberlândia**

UBERLÂNDIA-MG

2025

STÉFANY ANTONIA SILVA

**A GRADUAÇÃO EM DANÇA E AS PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA (PcDs):**

**Uma reflexão sobre o ponto de vista de PCD's na
cidade de Uberlândia**

Trabalho apresentado ao curso de Dança
da Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito para aprovação no
componente curricular Defesa de Trabalho
de Conclusão de Curso.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Patrícia Chavarelli Vilela da Silva

UBERLÂNDIA-MG

2025

A GRADUAÇÃO EM DANÇA E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
(PcDs): Uma reflexão sobre o ponto de vista de PCD's na cidade de
Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado
pela seguinte banca:

Profa Dra Patricia Chavarelli Vilela da Silva (orientadora)

Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos (membro interno)

Profa Dra Vivian Vieira Peçanha Barbosa (membro interno)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus, porque tudo que faço é para Ele e por Ele; e a mim mesma, por não ter desistido da graduação apesar de tantos obstáculos.

Quero deixar meus sinceros agradecimentos também a todos aqueles que fizeram parte da minha formação pessoal e profissional, que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a pessoa que sou hoje.

À minha mãe, América Aparecida, por sempre me dar força e acreditar no meu potencial.

Aos meus avós, Célio e Abadia, por sempre apoiarem e incentivarem o estudo, sobretudo, a minha formação.

Ao meu parceiro de vida, Jhonathan Ênio, por dividir comigo, além das conquistas, todos os momentos difíceis e desafiadores e por sempre me ajudar durante essa formação.

À minha colega de Curso, Aline Daiane, por ser meu maior suporte e não me deixar desanimar durante essa caminhada.

À educação pública, Universidade Federal de Uberlândia, Projetos de Extensão, Bolsas e Programas de Incentivo que foram cruciais para minha permanência na graduação; que além do suporte financeiro, me deram experiências únicas que levarei para vida toda.

À secretária do curso de dança, Fátima. A todos os Docentes e técnicos do Curso da Dança e do Instituto de Artes, pela disponibilidade, suporte e todo auxílio prestado durante a graduação.

À minha orientadora, Patrícia Chavarelli, por todas as vivências compartilhadas durante o curso, pela paciência, encorajamento e por ser uma profissional exímia.

Por fim, espero ser um exemplo para meus irmãos - que nasceram durante minha formação - de que todos os nossos sonhos podem se realizar através da educação. Hoje, imensamente grata e feliz posso dizer que sou a primeira da minha família a se formar em uma Universidade Federal. Dedico esse título à resiliência e força de todas aquelas que vieram antes de mim para tornar isso possível.

A todas as minorias, aos que lutam e resistem.

RESUMO

O principal objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi identificar se os(as) dançarinos com deficiência física, visual e auditiva, com idade a partir de 16 anos, residentes na cidade de Uberlândia/MG, têm interesse em cursar uma graduação em dança e se enfrentam dificuldades para alcançar esse fim. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, com uma perspectiva de análise pautada na etnografia. Os objetivos específicos são: a) identificar e elencar os alunos com deficiência física, auditiva e visual, a contar de 16 anos, que estudam dança em Uberlândia; b) realizar entrevistas com essas pessoas a fim de saber se têm interesse em fazer uma graduação em dança na UFU; c) analisar, com base na observação participante e nas respostas dadas nas entrevistas semiestruturadas, se essas pessoas enfrentam alguma dificuldade para cursar uma graduação em dança, qual é o contexto socioeconômico/familiar, qual é a experiência em dança e se há o interesse de cursar uma graduação na UFU. Dentro do recorte da pesquisa foram entrevistadas três pessoas, cujas informações deram sustentação às reflexões apresentadas no texto. Adotou-se como ponto de partida para estas reflexões as perguntas que especificaram os problemas de pesquisa. A realização dessa pesquisa possibilitou identificar que para chegar a um curso universitário de dança uma pessoa com deficiência precisa conseguir superar diversos obstáculos ainda presentes em múltiplos espaços sociais. Percebeu-se ainda que apesar de diversas políticas de inclusão existentes na UFU, ainda não houve interesse de PcD's, residentes na cidade, em cursar o bacharelado em dança.

Palavras-Chave: Dança. Pessoa com Deficiência. Graduação em dança.

ABSTRACT

The main objective of this Thesis was to identify whether dancers with physical, visual, and hearing disabilities, aged 16 and older, residing in the city of Uberlândia/MG, are interested in pursuing a degree in dance and if they face difficulties in achieving this goal. The research has a qualitative approach, with an analytical perspective based on ethnography. The specific objectives are: a) to identify and list students with physical, auditory, and visual disabilities, starting at age 16, who study dance in Uberlândia; b) to conduct interviews with these individuals to find out if they are interested in pursuing a degree in dance at UFU; c) to analyze, based on participant observation and the responses given in semi-structured interviews, whether these individuals face any difficulties in pursuing a degree in dance, what their socioeconomic/family context is, what their experience in dance is, and whether there is an interest in pursuing a degree at UFU. Within the scope of the research, three people were interviewed, whose information supported the reflections presented in the text. The starting point for these reflections was the questions that specified the research problems. Conducting this research made it possible to identify that to reach a university dance course, a person with a disability needs to overcome various obstacles still present in multiple social spaces. It was also noted that despite various inclusion policies existing at UFU, there has been little interest from people with disabilities living in the city in pursuing a degree in dance.

Keywords: Dance. A person with Disabilities. Undergraduate degree in dance.

LISTA DE SIGLAS

ADEVIUD - Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CIA - Companhia

DACIN - Divisão de Acessibilidade e Inclusão

MG - Minas Gerais

MUNA – Museu Universitário de Arte - UFU

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONG - Organização Não Governamental

PcD - Pessoa com Deficiência

PMIC- Programa Municipal de Incentivo à Cultura

PPC - Projetos Pedagógicos dos Cursos

PROGRAD - Pró-reitoria de graduação da Universidade Federal de Uberlândia

SESC - Serviço Social do Comércio

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	10
1. PRIMEIRO CAPÍTULO-----	15
1.1 Dados iniciais: primeiras reflexões-----	15
1. 2. Particularidades dos ambientes visitados-----	17
1. 3. Particularidades das pessoas entrevistadas-----	20
2. SEGUNDO CAPÍTULO-----	25
2.1. Dança e deficiência-----	25
3. TERCEIRO CAPÍTULO-----	31
3.1. Refletindo sobre os problemas de pesquisa-----	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	37
REFERÊNCIAS:-----	40
ANEXO 1 - TABELAS-----	42
ANEXO 2 - ENTREVISTAS-----	45
ANEXO 3 - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM-----	63

INTRODUÇÃO

A ideia inicial dessa pesquisa, sobre acessibilidade e inclusão, surgiu ao cursar o 2º período da graduação no Curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. No semestre citado, participei do projeto de extensão *Cota não é Esmola* ¹vinculado ao bacharelado em Dança da UFU. Nessa ocasião, questionei, pela primeira vez, porque não havia nenhuma inscrição no curso, desde sua criação (2011), para as vagas destinadas às pessoas com deficiência (PcDs). Ainda hoje, em 2025, após 14 anos de existência do curso, dos 229 alunos que integraram o bacharelado em Dança na UFU, ninguém ingressou por meio das vagas destinadas às pessoas com deficiência.² Desde 2019, sigo me questionando se as pessoas com deficiências físicas e sensoriais que residem na cidade e/ou região não têm vontade de fazer uma graduação em dança.

Procurando inteirar-me sobre dados oficiais a respeito da pessoa com deficiência, consultei o site da Organização Mundial da Saúde – OMS e encontrei a seguinte estimativa: “cerca de 10% da população de qualquer país em tempo de paz possui algum tipo de deficiência. Com base nestes percentuais, estima-se que no Brasil existam 16 milhões de pessoas com deficiência” (Biblioteca Virtual em Saúde, 2017). Busquei ainda, junto à OMS, uma definição para deficiência:

“...deficiência (é) toda perda ou anormalidade relacionada à estrutura ou à função psicológica, fisiológica ou anatômica; a incapacidade como toda restrição ou falta - devida a uma deficiência - da capacidade de realizar uma atividade na forma ou na medida que se considera normal para um ser humano; e a desvantagem como uma situação prejudicial para um determinado indivíduo, em consequência de uma deficiência ou uma incapacidade, que limita ou impede o desempenho de um papel que é normal em seu caso (em função da idade, sexo e fatores sociais e culturais)” (Biblioteca Virtual em Saúde, 2017).

¹ Esse projeto de extensão foi realizado no 2º semestre do ano de 2019, com a orientação do Coordenador Professor Doutor, Jarbas Siqueira Ramos.

² Dados fornecidos pela secretaria de Curso de Dança na UFU em abril de 2025.

A mesma fonte explana que as deficiências podem ser de caráter congênito ou ser adquirida ao longo da vida; diz, ainda, que existem diversos tipos de deficiências: física, sensorial, intelectual, psicossocial e múltipla. Já segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI 13146):

“Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.”
(Brasil, 2015)

De todo modo, as pessoas com deficiência (PCDs) têm seus direitos e oportunidades garantidos, igualmente aos demais cidadãos.

Estes dados trouxeram elucidações gerais que reforçaram meu interesse pelo tema, pois: Se todos temos direito de acesso ao ensino público e gratuito, por que estas pessoas não estavam chegando ao curso de dança da UFU? Buscando sistematizar minhas inquietações para transformá-las em uma investigação acadêmica, tracei os seguintes problemas de pesquisa: Qual é o contexto socioeconômico e familiar das pessoas com deficiência (física, visual e auditiva) que estudam dança na cidade de Uberlândia? Qual é o contexto da experiência em dança dessas pessoas? Estas pessoas têm interesse em cursar uma graduação em dança? Se sim: Elas encontram algum tipo de dificuldade para ingressar no curso?

Buscando responder a estes questionamentos, compreendi que ainda precisava estabelecer um recorte relacionado aos tipos de deficiência e a faixa etária das pessoas que iria considerar como participantes da pesquisa. Partindo do pressuposto que a pessoa precisa concluir o ensino médio para ter acesso a um curso superior, em conversa com minha orientadora, definimos como possíveis participantes: a) pessoas com deficiências físicas, visuais ou auditivas; b) pessoas com a faixa etária a partir de 16 anos, por ser a faixa etária na qual, em geral, as pessoas passam a pensar na escolha de um curso de graduação.

Nessa perspectiva, tracei como objetivo geral identificar se os dançarinos com deficiência física, visual e auditiva, com idade a partir de 16 anos, residentes na cidade de Uberlândia/MG, têm interesse em cursar uma graduação em dança e se enfrentam dificuldades para alcançar esse fim. Assim como especifiquei os

seguintes objetivos específicos: a) identificar e elencar os alunos com deficiência física, auditiva e visual, a contar de 16 anos, que estudam dança em Uberlândia; b) realizar entrevistas com essas pessoas a fim de saber se têm interesse em fazer uma graduação em dança na UFU; c) analisar, com base na observação participante e nas respostas dadas nas entrevistas, se essas pessoas enfrentam alguma dificuldade para cursar uma graduação em dança e se há o interesse de cursar uma graduação na UFU.

A pesquisa caracteriza-se por uma investigação de abordagem qualitativa, e terá por base epistemológica a etnografia. A etnografia é um campo que surgiu da sociologia e antropologia no final do século XIX e início do século XX para investigar comunidades e culturas isoladas. Um dos principais objetivos era de possibilitar que o pesquisador se aproximasse de fato das vivências desses povos e conhecesse de forma profunda os fundamentos particulares de cada cultura. Antes da criação de metodologias que levam o pesquisador a vivenciar o contexto dos grupos investigados, as pesquisas eram feitas à distância, sem interação entre o pesquisador e os pesquisados, eram analisados questionários apresentados por viajantes e “havia pouco interesse em conhecer a relação interpessoal, pensamento e comportamento das pessoas” (Ataídes et al., 2021, p. 133). Os mesmos autores informam que:

Segundo Angrosino (2009), o método etnográfico surgiu a partir do convencimento de antropólogos de que as conjecturas infundadas pelos filósofos sociais eram insuficientes para compreender os grupos humanos. Para os antropólogos, somente indo ao campo, um pesquisador poderia encontrar a dinâmica e o entendimento da experiência e vivência humana. (Ataídes et al., 2021, p. 134)

Considerando a particularidade do pesquisador se aproximar do contexto social das pessoas pesquisadas, o meu interesse aqui é fazer uma contextualização das ferramentas usadas nessa metodologia, trazendo para a pesquisa no campo da dança. Desse modo, ir a campo será visitar as escolas, assistir e/ou participar das aulas do público-alvo da pesquisa, conversar com eles, seus parentes e/ou responsáveis e professores e entrevistá-los. Será compreender as relações entre seu interesse por dançar e por escolher a dança

como profissão. Entender como as questões socioeconômicas e/ou familiares interferem em sua relação com a dança. Nessa direção, o levantamento de dados se dará por meio de observação participante e de entrevistas semiestruturadas.

A observação participante ocorrerá nas situações que puder participar de aulas junto com os deficientes físicos/sensoriais ou que assistir alguma aula, ensaio ou apresentação. As entrevistas serão aplicadas aos dançarinos(as) e direcionadas por questões semiestruturadas, que oferecem ao entrevistador liberdade para desenvolver e questionar um contexto particular de pesquisa, buscando diferentes significados e abordagens múltiplas no levantamento de dados.

Segundo Eduardo Manzini: “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista” (Manzini, 1990/1991, p. 154). Para o autor, esse tipo de entrevista possibilita o surgimento de informações de maneira mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Nessa perspectiva, elaborei onze questões³ direcionadoras para as entrevistas, considerando-se a possibilidades de acréscimo de outras, de acordo com a necessidade percebida durante sua realização. As entrevistas foram aplicadas de duas maneiras: presencial, agendadas para um local acordado entre a pesquisadora e os participantes com deficiência visual ou física; e de modo remoto para o deficiente auditivo, por meio de envio de questionário por e-mail/whatsapp. Esse modelo foi escolhido de modo a facilitar a qualidade da informação entre pesquisadora e o participante, visto que não domino a comunicação por meio da linguagem de Libras. Decidimos que em caso de dúvidas referentes às respostas recebidas por escrito a pesquisadora entraria em contato com a pessoa novamente, apresentando outras questões para serem respondidas. Ou ainda, se fosse o caso, alteraria a dinâmica da entrevista de

³ As questões são: 1) Qual o seu nome? 2) Quantos anos você tem? 3) Qual a sua deficiência? 4) Há quanto tempo você dança? 5) Fale um pouco sobre sua trajetória na dança: (onde pratica /como começou/ se teve alguma influência para começar a dançar) 6) Você é um profissional da dança? Explique: 7) Você considera a dança um hobby ou deseja torná-la sua profissão? 8) Você já encontrou algum empecilho para dançar? Explique: 9) Sua família gosta que você dance? 10) Você sabe que na UFU tem graduação em Dança? 11) Você gostaria de cursar uma graduação em Dança? Por quê?

modo que o entrevistado pudesse agendar um encontro presencial e solicitar um tradutor para acompanhar o diálogo.

A análise foi realizada sob os parâmetros da pesquisa etnográfica, buscando compreender as diversas realidades que dialogam com os entrevistados, seus desejos pessoais, profissionais, possibilidades de acesso ao estudo da dança e dificuldades gerais, ainda nesse sentido, entender o contexto familiar, cultural e socioeconômico dessas pessoas. Dentre os dançarinos enquadrados no recorte da pesquisa para serem entrevistados, identificou-se uma pessoa com deficiência física, uma com deficiência auditiva e uma com deficiência visual.

As três entrevistas se deram por modos diferentes, com a primeira pessoa a entrevista foi presencial, na sala de coordenação do curso de Dança da UFU, no bloco 3M, do Campus Santa Mônica. Chegou para a entrevista acompanhado pela mãe, que o levou com carro próprio. Já a segunda pessoa preferiu fazer a entrevista de forma escrita e depois gravou um vídeo respondendo às perguntas. Devido à sua deficiência auditiva, nossa comunicação funcionou bem através da escrita e todo o processo foi feito via Whatsapp. Por fim, com a terceira pessoa, foi realizada uma entrevista *online*, pelo aplicativo do *Whatsapp*. As entrevistas com a primeira e terceira pessoa foram gravadas. As três entrevistas apontaram para experiências, e conseqüentemente, opiniões diferentes.

1. PRIMEIRO CAPÍTULO

1.1 Dados iniciais: primeiras reflexões

Conforme explicitado na introdução, delineou-se que o levantamento de dados se daria por meio de entrevistas aplicadas aos dançarinos(as) que se enquadrarem no recorte desta pesquisa. No entanto, era preciso, antes, identificar quem eram essas pessoas. Como meio para chegar até elas, primeiramente foi elaborada uma lista de nomes de escolas e profissionais de dança da cidade. Essa relação de nomes foi organizada por consultas da memória da pesquisadora, da orientadora e de alguns amigos e colegas da graduação que trabalham com dança na cidade. Criou-se um formulário no *google* para enviar, por meio de um grupo do *WhatsApp* formado por alunos atuais e egressos de todas as turmas de graduação em dança na UFU, as seguintes perguntas: “Você conhece alguma escola / academia / aula de dança que tenha alunos com deficiência em Uberlândia? Se sim, qual/quais?”; “Você conhece algum(a) artista de dança autônomo(a) que tem deficiência na cidade de Uberlândia? Se sim, qual o nome e o contato?”. No momento da escrita desse texto, o grupo contava com um total de 112 integrantes (matriculados e egressos), dos quais somente 12 pessoas responderam ao questionário, duas pessoas dizendo que conheciam e 10 afirmando que não conheciam.

Paralelamente a esta consulta, fizemos um levantamento das escolas, academias, grupos, companhias e projetos de dança sediados(as) na cidade de Uberlândia/MG, por meio de redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) e sites de pesquisa (*Google*). Essa investigação resultou em uma lista de 59 instituições (escolas, academias, grupos, companhias e projetos de dança) que estão em atividade atualmente. Partindo dessa lista, realizou-se um primeiro contato pela rede social e/ou telefone, com perguntas norteadoras que permitissem identificar a presença de pessoas com deficiência nestes locais, dentro do recorte estabelecido para a pesquisa. As questões abordadas foram: 1- Você tem alunos com deficiência? Se sim, quantos? 2- Você já teve alunos com deficiência? Se sim, há quanto tempo a pessoa parou (ou as pessoas pararam)? 3 – Qual(quais)

a(s) idade desta(s) pessoa(s)? 4 – Qual(quais) o(s) gênero(s)? 5 – Qual (quais) a(s) deficiência(s)?

Ao iniciar o mapeamento destes dançarinos vivenciei diversos contextos, os quais aponto algumas situações mais marcantes. Foi bastante difícil conseguir as primeiras informações. Presumi que seria mais fácil contactar as escolas e academias, uma vez que já conhecia a maioria e, por se tratar de uma causa, a meu ver, importante. Contudo, algumas pessoas liam a mensagem, respondiam que dariam a informação em outro momento e não retornavam mais; outras, apenas visualizavam e não respondiam (em nenhuma das minhas tentativas). Com as instituições de maior porte, o processo burocrático se mostrou demasiadamente demorado e cansativo, como no caso do SESC, da APAE e do Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli. Após dez dias do primeiro contato, escrevi novamente àqueles(as) que não haviam respondido, ressaltando a importância da participação de todos.

Foram realizadas no total, três tentativas de contato de diversas maneiras (mensagem, ligações e e-mails) que duraram cerca de três meses. Sendo assim, destas 59 instituições, 19 não responderam ao questionário - consistindo em 10 escolas que visualizaram as mensagens e não responderam e 9 escolas que não deram nenhum tipo de retorno (seja por e-mail, ligação, mensagem), 20 possuem ou possuíram alunos com deficiência e 20 não possuem ou possuíram alunos com deficiência. Dentre as 20 escolas, academias, grupos, companhias que possuem alunos com deficiência, apenas 3 se encaixam nos parâmetros pré-determinados no início da pesquisa. As demais escolas (17) não foram consideradas pelos seguintes motivos: a) tinham alunos que possuem outros tipos de deficiências (não especificadas nesse trabalho), não especificadas neste recorte de pesquisa⁴; b) tinham alunos com faixa etária inferior à selecionada para esta pesquisa; c) tinham alunos que pararam de fazer aula de dança há mais de dois anos e/ou perderam o contato dessas pessoas.

É perceptível que muito precisa ser modificado na cidade de Uberlândia a respeito do tema acessibilidade, visto que em diversos bairros temos calçadas

⁴ O maior número de pessoas com deficiência nas escolas, academia e grupos da cidade de Uberlândia são pessoas com a Síndrome de Down e as com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir de 2012, de acordo com a Lei 12.764 o autismo é considerado uma deficiência neurológica.

irregulares, sem sinalização tátil no chão; ou semáforos sem sinal sonoro; ou frota de ônibus de transporte urbano totalmente adaptada com elevadores e lugares reservados para cadeirantes ou pessoas acompanhadas de cão-guia; ou tradutores de libras nos centros municipais de atendimento ao público; dentre outros. Mesmo com as questões sobre deficiência e acessibilidade serem uma pauta forte e recorrente nos setores políticos e privados, da educação e da saúde, é necessário um olhar mais atento sobre as maneiras de alcançar uma ampla acessibilidade de pessoas com deficiência no contexto sociocultural.

Identifico ainda, a importância de educadores, artistas, funcionários públicos e familiares de pessoas com deficiência se qualificarem, por meio de estudos, pesquisas e debates, sobre os assuntos inerentes ao campo das deficiências e processos inclusivos. Assim como adequar as escolas, os espaços de trabalho e de lazer, com piso tátil, banheiros adaptados, rampas de fácil acesso, dentre outros suportes inclusivos. Dessa maneira, viabiliza-se o ingresso da pessoa deficiente nos diversos espaços educativos, sociais, culturais, artísticos e de lazer.

1. 2. Particularidades dos ambientes visitados

Durante o levantamento de dados, optei por visitar algumas instituições que eram conhecidas por terem alunos com deficiência, ao invés de enviar mensagens. As Instituições foram: Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia (ADEVIUD), SESC, APAE, Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli. Em geral todas as instituições visitadas, tinham a infraestrutura básica de adaptação para receberem pessoas com deficiência (acesso de rampa, banheiros adaptados, vagas preferenciais, faixas sinalizadas), havia também ponto de ônibus próximo aos locais. Na frente da ADEVIUD havia faixa de pedestre sinalizada com dispositivo de aviso sonoro e a grande maioria dos alunos, se deslocavam por meio de transporte público de modo independente.

O primeiro lugar a ser visitado foi a Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia (ADEVIUD). Esta associação possui, dentre outros projetos, aula de Biodança (Dança Circular) ministrada há 16 anos, oferecendo uma média de 20

vagas por semestre. Na ocasião de minha visita (junho de 2024), a turma possuía onze alunos, todos com mais de 40 anos. Participei das atividades com o grupo em dois encontros e fiz a entrevista do modo coletivo com os (as) dançarinos (as). Optei por esse procedimento por identificar em conversas rápidas com os alunos, que as pessoas não viam a dança como uma profissão e não tinham um interesse em fazerem uma formação na área. As respostas foram semelhantes e confirmaram minha ideia inicial; todos afirmaram não terem o desejo de se tornarem um profissional da dança. Eles valorizam as aulas e participam intensivamente das práticas propostas, mas enfatizam a busca pelo autoconhecimento e por vivências sensíveis/sensoriais e acolhedoras. As aulas oferecem um importante contexto de socialização aos alunos, que para eles é bastante relevante e evidente. No entanto, também comentaram que após o ingresso nas aulas de dança, perceberam uma maior autonomia, desenvolvimento de certas habilidades sensório-motoras e liberdade. Esse depoimento permite identificar que diversos conhecimentos específicos do campo da dança foram desenvolvidos, tais como: coordenação motora, flexibilidade, integração social, consciência corporal, musicalidade, superação da timidez, memorização, expressão das emoções e sensações e autoconfiança, além de melhorar o equilíbrio e a locomoção e aumentar a compreensão de tempo e espaço.

Além dessa associação, fiz tentativas de contato com o SESC, a APAE e o Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli. O primeiro e o último, pelo fato de saber que oferecem aulas de dança à população e o segundo por supor que poderia oferecer aulas de dança. No caso do SESC, foram realizadas algumas tentativas de contato presencial, por telefone e e-mail, respectivamente. Depois de muita insistência recebi um retorno da supervisora administrativa, por e-mail, dizendo que “São diversos os alunos com deficiência que passaram pelo Sesc, com a idade entre 16 e 40 anos. Na dança, temos alunos com Síndrome de Down”. Além dessa mensagem, não consegui mais informações, que pudessem oferecer uma maior precisão de dados e, apesar da minha insistência, não consegui abertura para levantar mais informações.

Na APAE, fui notificada que o acesso a essas informações seria através da assistente social e, depois de dois meses tentando o contato, ela me disse que as aulas de dança da instituição estão suspensas porque a professora está

afastada e não conseguiram um professor substituto, desse modo, também não foi possível o acesso aos alunos de lá. (Verifiquei essa informação em fevereiro de 2025 e as aulas seguiam suspensas). Além de não ter acesso aos alunos de maneira geral, não foi possível identificar se há pessoas que se enquadram no recorte definido para esta pesquisa.

No Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli ocorrem aulas de dança em oficinas de 50 minutos, uma vez por semana. Fui informada por alguns alunos que pessoas com deficiência participam das aulas, contudo, no primeiro contato com um funcionário da instituição foi dito que a idade de ingresso nas aulas de dança é de nove anos e que não poderiam oferecer maiores informações.

Ao refletir sobre as situações vivenciadas nestes locais, penso que se eu pudesse ter conhecido os alunos da APAE, do SESC e do Conservatório teria um referencial de reflexão mais amplo. Contudo, pude notar que esses locais oferecem oficinas com baixo custo ou de maneira gratuita. Ademais, como comentado anteriormente, o processo burocrático de acesso aos PcDs que frequentam estes locais, impossibilitou coletar informações que poderiam contribuir para a pesquisa. Isso me faz pensar se, talvez, o processo burocrático de inscrição para se inscrever nas oficinas de dança nestas instituições, possa ser um fator que dificulta o ingresso de pessoas com deficiência nas aulas. Reflito ainda se as dificuldades de locomoção, da residência do PcD ao local das aulas, possam restringir o acesso de algumas pessoas. Assim como o despreparo de algunsicineiros para lidar com as diversas particularidades de aprendizagem destas pessoas.

Por fim, saliento que na ADEVIUD não foram feitas entrevistas individuais, porque os alunos ressaltaram que as aulas de dança eram apenas uma maneira de integração sociocultural entre eles e que não demonstravam interesse em se aprofundar nos conhecimentos de dança; que dançar era um tipo de terapia/relaxamento, uma maneira de vivenciar experiências de comunidade e confiança.

A seguir discorro sobre pessoas que deram/dão aulas para pessoas com deficiências, assim como relato sobre as experiências de dançarinos e dançarinas PCDs que atuam na cidade de Uberlândia.

1. 3. Particularidades das pessoas entrevistadas

No que diz respeito às proprietárias e proprietários de escolas/academias e profissionais que trabalham em ONGs e projetos sociais destacou-se três pessoas. Ao realizar investigações em ferramentas de busca com as palavras *dança* e *deficiência*, encontrei os nomes do professor Fábio Vladimir, citado pela maioria dos profissionais da dança na cidade, assim como o das professora Cláudia Nunes (que foi citada como a primeira profissional a trabalhar com a dança inclusiva aqui em Uberlândia) e Fernanda Bevilaqua. Identifiquei ainda três pessoas que se enquadram no recorte da pesquisa e que estão fazendo aulas de dança na cidade: Dyego Borges, conhecido como Diego Jackson, cadeirante; Wellington Moraes, que possui deficiência auditiva; Mariana Carvalho, que possui uma deficiência visual.

O bailarino e ator Fábio Vladimir⁵, proprietário da *Academia Ritmo de Dança de Salão*, possui um projeto social de inclusão chamado *Dançando com a Vida* que acontece há cerca de vinte e cinco anos em Uberlândia. Participei de uma aula com os alunos e entrevistei as mães e os responsáveis, e conversei com o professor. No momento de minha visita, o Fábio fazia um trabalho com cerca de 11 alunos, mas relatou que a turma já teve, antes da pandemia da Covid-19, 60 alunos. Dentre as deficiências encontradas na turma, existem as deficiências intelectuais e múltiplas, grande parte dos alunos possuem Síndrome de Down e os demais, paralisias e síndromes raras, por esse motivo, nenhum aluno se encaixou no recorte de pesquisa para as entrevistas. Alguns alunos dançam há mais de quinze anos e são muito desenvolvidos nos quesitos de coordenação motora, mobilidade, flexibilidade, além dos aspectos sociais. O grupo tem um trabalho de preparação corporal, ensaios e apresentações em diversos eventos da cidade.

Nas aulas do projeto *Dançando com a vida*, a maioria dos alunos usam transporte particular; suponho que seja pelo fato de as aulas serem realizadas sob o acompanhamento do responsável e à noite; aponto ainda que a iluminação ao redor do local é bem escassa. Perguntei o Fábio Vladimir como seria a adesão

⁵ Na ocasião da entrevista, o professor Fábio estava fazendo Mestrado no curso de Artes Cênicas e tinha como foco de pesquisa o trabalho de dança desenvolvido com os alunos do projeto.

às aulas caso fossem cobradas mensalidades no seu projeto e ele respondeu que “os meninos iriam participar também e os pais pagariam com orgulho”⁶.

A professora Cláudia Nunes, é formada em Psicologia, mas sempre foi apaixonada pela dança. Iniciou seus estudos nas aulas de balé clássico, mas foi durante o estágio da graduação em psicologia que foi instigada a criar uma oficina de dança para crianças autistas severas. Todo seu trabalho de dança terapia se deu na prática com estudantes “invisibilizados”, inspirada no trabalho da artista argentina Maria Fux. Claudia tem uma experiência de 30 anos de docência, trabalhando em vários projetos inclusivos com diversos alunos e deficiências, como surdez, síndrome de down, autistas, deficientes físicos e visuais, dentre outros. Contudo, no momento, a professora não possui alunos com deficiência em suas turmas. Como a professora foi bastante indicada pelas escolas e professores, entrevistei-a para conhecer melhor a sua trajetória com a Dança inclusiva e entender um pouco de sua trajetória profissional. Durante nossa conversa, identifiquei que um de seus ex-alunos, Dyego Borges, se apresenta na cidade dançando músicas do Michael Jackson.

Outra pessoa que foi citada na minha investigação sobre dança inclusiva é a educadora Fernanda Bevilaqua. Ela não tem uma turma focada apenas em alunos com deficiência, mas sempre se mostrou acolhedora e acessível aos diversos públicos e minorias na escola *Uai Q Dança*⁷. Em sua escola sempre houve estudantes PcDs (Síndrome de Down, deficiência intelectual). Fernanda é artista e educadora, formada em pedagogia, possui conhecimento em diversas técnicas de dança e métodos de Educação Somática. Atualmente tem trabalhado com aulas de Eutonia e uma proposta criada por ela denominada *Blend*⁸.

Além de conhecer os educadores que trabalham com PcDs, busquei aquelas que se enquadrassem no recorte de minha pesquisa, ou seja, pessoas com idade acima de 16 anos, que fazem dança na cidade de Uberlândia e que são portadoras de deficiências físicas, auditivas e visuais. Encontrei três

⁶ Fala de Fábio Vladimir enquanto eu assistia a aula do projeto *Dançando com a vida*, junho/2024.

⁷ Fernanda Bevilaqua foi fundadora, proprietária, curadora e professora do Studio Uai Q Dança e do Teatro Palco de Arte, com sede em Uberlândia/MG, no período de 1190 a 2022. Essas informações foram coletadas do perfil da artista nas redes sociais, no qual divulga as suas aulas.

⁸ *Blend* é uma aula criada pela Fernanda Bevilaqua que mistura nas práticas corporais, os princípios básicos de diversas técnicas de dança delineadas por conhecimentos oriundos de três métodos somáticos (Método GDS de Cadeias Musculares, Eutonia e Move Flow). Essas informações foram coletadas do perfil da artista nas redes sociais.

peessoas: o dançarino Dyego Borges, cadeirante citado acima; Wellington Moraes, um ex-aluno da Academia *Top Dance Studio de Dança*, que possui deficiência auditiva e fazia aula de dança de salão; e Mariana Carvalho, que possui uma deficiência visual e dança na Academia *Uai Q Dança*, na turma de *Blend* da professora Fernanda Bevilaqua.

Dyego Borges sofreu uma paralisia cerebral que ocasionou a sua deficiência física, a qual acomete principalmente os movimentos das suas pernas. O jovem teve um desenvolvimento cognitivo sem comprometimento; o comprometimento decorrente da paralisia cerebral se deu apenas no desenvolvimento motor. Sua família pode lhe oferecer tratamentos com diversos profissionais da área da saúde e da educação.

Ele conheceu a dança através de um dos projetos da professora Cláudia Nunes, aos 10 anos de idade, na escola em que estudava. A partir do incentivo da professora começou a estudar dança. Dyego se desloca por meio de cadeira de rodas, mas, em suas danças, executa parte da coreografia sem a cadeira, chegando a dar alguns passos. Recebe muito apoio de sua mãe, seja financeiro como emocional, contudo, segundo ele, seu pai não “gosta tanto” que ele dance. Na entrevista ele disse: “(o pai) queria que eu fizesse administração, ou um outro tipo de formação que ganhasse muita grana. Meu maior objetivo é conseguir mostrar que não, que a dança dá sim para ganhar dinheiro, dá para sobreviver”. (Entrevista 2, anexo, p.53)

Por ser um admirador do trabalho do cantor e dançarino Michael Jackson, desde que começou a dançar cria coreografias com músicas deste artista e apresenta em diversos locais, eventos, festivais e mostras de dança. Após parar de fazer aulas com a professora Claudia Nunes, Dyego continuou dançando e criando suas próprias coreografias. Participou de festivais de dança na cidade e conquistou alguns prêmios. No ano de 2023, ganhou três troféus no Festival de Dança do Triângulo, sendo um deles de Menção Honrosa pelas danças que apresenta. Em 2024, passou a fazer aulas de dança com Fernanda Bevilaqua na Academia *Uai Q Dança*.

Atualmente, aos 22 anos, Dyego é reconhecido pela sua dança e está trabalhando num espetáculo de dança intitulado *Tributo ao Michael Jackson*. Segundo ele, faz cerca de uns quatro anos que sabe da existência do curso de dança na UFU, disse já ter cogitado fazer a graduação, mas que ainda não se

organizou para isso. No momento, por causa da criação do novo trabalho de dança, disse que não poderia ficar em tempo integral na faculdade e que, quando for fazer a circulação do trabalho, terá que ter disponibilidade para viajar, assim não daria para conciliar os estudos universitários com esse momento de criação e circulação de um trabalho artístico.

Além disso, quando perguntei se haveria alguma dificuldade para cursar a graduação de Dança ele respondeu: “Receio só... Se vai ser bom. Se os professores vão ser bons. Se eu vou ser bem aceito. Em relação a forma de trabalhar” (Entrevista 2, anexo, p.54). Como o Dyego tem interesse focal por músicas e movimentos oriundos das coreografias de Michael Jackson, receia que lhe convidem a experienciar outros modos de dançar.

O entrevistado Welington Moraes, apresenta um contexto diferente. Aprendeu a dançar forró aos 19 anos com uma ex-namorada, na época seu pai tinha uma banda de forró e ele o acompanhava nos shows. Sempre gostou de dançar, mas teve que se afastar das práticas no período em que ficou casado. Aos 45 anos, se matriculou em uma escola com o objetivo de aprender dança de salão, onde conheceu diversos profissionais da área e, depois de certo tempo, se tornou bolsista na academia *Top Dance*. Wellington tem deficiência auditiva, sua perda é severa e profunda. Ele é músico instrumentista e não se considera um profissional da dança porque não trabalha de forma remunerada, contudo, considera suas habilidades e técnicas profissionais. Tem por objetivo continuar aprendendo, mas precisa conciliar o tempo de dedicação de ambas as artes (música e dança). Ele disse que descobriu à graduação de dança na UFU há pouco tempo nas aulas de dança de salão e manifestou desejo de ingressar no bacharelado em dança da UFU, mas ainda não sabe quando isso será possível. Disse que gostaria de se tornar uma referência em um ritmo de dança de salão.

Mariana Carvalho tem formação em Letras, é professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede pública de ensino, ela tem, além de miopia, baixa visão ocasionada por uma doença degenerativa. Ela sempre gostou de dançar, mas vê a dança como “um refúgio, um hobby” (Entrevista 4, anexo, p.58). Não tem o interesse em fazer uma graduação, pois não irá exercer a profissão. Segundo ela, isso “exige uma dedicação, então eu não sei se teria todo esse empenho” (Entrevista 4, anexo, p.58). Ao questionar sobre a ausência do ingresso de PCD's no Curso de dança da UFU, ela apontou um problema na

educação básica, que faz com que muitos nem almejem um ensino superior, nas palavras dela: “começa pela questão da inclusão que realmente ainda é muito inicial. A gente percebe que recentemente pessoas com deficiência foram, de fato, inseridos numa classe de aula comum e tiveram realmente a oportunidade de ter uma formação de educação básica. Aí muitos, mal conseguem concluir o ensino médio, por conta das limitações, das dificuldades que são impostas, das barreiras, da falta de adaptação de materiais, falta de formação profissional, enfim, eu acho que (a dificuldade) começa na educação básica” (Entrevista 4, anexo, p.59).

Os dados apontados neste capítulo são um compilado das informações levantadas nas entrevistas. No Capítulo 3, aponto reflexões sobre estes dados. Antes de apresentar estas reflexões e desejando apresentar conhecimentos que darão apoio às minhas considerações sobre o tema, apresento no Capítulo 2 um levantamento sobre pesquisas que examinam as relações entre a dança e pessoas com deficiência.

2. SEGUNDO CAPÍTULO

2.1. Dança e deficiência

Buscando inteirar-me sobre o tema da pesquisa, pesquisei referenciais teóricos que tivessem uma linha de pesquisa similar ou que abordasse as palavras chaves dessa dissertação: dança e deficiência.

Através da indicação da minha Orientadora, conheci o livro *Dança e Diferença* que é resultado de uma pesquisa de doutorado de Lúcia Matos, realizada no ano de 2006. Essa obra analisa produtos coreográficos de quatro grupos brasileiros de dança que possuem em seu elenco dançarinos com e sem deficiência: Grupo X de Improvisação em Dança (BA), Pulsar Cia. de Dança (RJ), Limites Cia. de Dança (PR) e Cia. De Dança Ekilíbrio (MG). Baseando-se no fato dos grupos serem semiprofissionais ou profissionais, me interessou averiguar a formação desses integrantes para refletir sobre o meu problema de pesquisa inicial.

Primeiramente, é necessário situarmos que o contexto dos grupos é diverso, assim como a forma que eles foram criados e suas localizações. O Grupo X de Improvisação em Dança (BA), foi criado em 1998, por dois professores e coreógrafos da Escola de Dança da UFBA. No começo era um projeto de extensão temporário, depois ficou permanente e se tornou um grupo independente. Até 2002, o grupo (que era focado sobretudo, em Contato Improvisação) não possuía elenco fixo, pois era composto pelos alunos da graduação de dança. A partir de 2003 o grupo muda o perfil do elenco e conta com 5 bailarinos profissionais fixos, sendo um deles (Edu Oliveira) PCD, o único que não cursava dança. Edu era artista plástico (formado pela UFBA) e teve seu pontapé inicial na dança através das oficinas de improvisação que posteriormente, culminou na sua entrada no grupo.

Já o grupo Pulsar Cia. de Dança (RJ), foi fundado por Tereza Taquechel (coreógrafa formada na Faculdade Angel Viana que no período da sua formação teve um grupo de estudo experimental com seus colegas que tinham alguma deficiência) com mais três dançarinas, em 2000. Em 2005, o grupo contava com oito andantes e quatro cadeirantes, sendo um deles, Rogério Andreolli, o primeiro bailarino profissional em cadeira de rodas no Brasil (2003).

Limites Cia. de Dança (PR) foi criada em 1992, por uma bailarina e fisioterapeuta com interesse em diversidade corporal na dança contemporânea, enquanto ela ainda estava se licenciando em dança. Na ocasião da criação da Cia, o elenco era composto por quatro integrantes PCDs, depois, com o passar do tempo, ingressaram dançarinos sem deficiência. Um fato curioso é que todos os bailarinos “não possuíam nenhuma formação em dança antes de entrarem para o grupo; a formação foi feita no processo de fazer/ conhecer/ apreciar a dança” (Matos, 2012, p.107).

Por fim, a Cia. De Dança Ekilíbrio (MG) surgiu a partir de projetos de dança propostos pela bailarina e professora de educação física Christine Sílmor. Em 2006 o grupo tinha cinco dançarinos sem deficiência e dois dançarinos com deficiência, todos tiveram sua formação em dança dentro da própria Cia. quando eram adolescentes.

A partir dessa obra, podemos observar que são poucos os dançarinos com deficiência que entraram para as companhias com uma formação prévia em dança, temos como exemplo, apenas Rogério Andreolli. Além disso, observa-se no texto um discurso comum entre os grupos a respeito da falta de recursos financeiros. A diretora de uma das Companhias informou haver suspendido por algum tempo as atividades por falta de verba, disse também que, no momento da criação da Cia, trabalhava com recursos de editais. Diversos dançarinos disseram que precisavam trabalhar em outras atividades (dando aula, em escritórios, etc) para terem recursos para sua subsistência. No Grupo X, apontaram que enfrentaram a dificuldade de manter um local com a adaptação necessária para os dançarinos PCDs.

Os desafios apresentados por estes Grupos e Companhias são comuns na atualidade. O mercado de trabalho em dança é diversificado em cada região do Brasil, pois cada Estado e Município apresenta situações socioeconômicas particulares. Em locais mais populosos e com situação financeira mais abastada observa-se escolas (públicas ou privadas) com aulas de dança, em cidades pequenas isso não é comum. No que tange a criação de grupos profissionais de dança, sabe-se que são poucos no Brasil, se considerarmos seu número populacional. As pessoas têm receio de não conseguirem se sustentar trabalhando com dança.

Além desse livro que discorre sobre os grupos brasileiros de dança que possuem em seu elenco dançarinos com e sem deficiência, gostaria de citar a dissertação de mestrado *Formação em Artes Cênicas de Pessoas com Deficiência: processos pedagógicos inclusivos para o desenvolvimento integral dos discentes*, de Glaise de Nazaré Rodrigues, defendida na Universidade do Estado do Pará (UEPA) em 2023. Rodrigues (2023), investiga como os processos de ensino-aprendizagem em dança e teatro, em uma escola pública de Belém, promovem a inclusão de pessoas com deficiência e contribuem para sua formação integral.

Me interessa saber, para além do desejo dos discentes com deficiência em cursar ou não um bacharel em dança, sobre os processos de ensino-aprendizagem inclusivos; no caso da minha pesquisa de TCC, indago sobre a ausência do ingresso de alunos deficientes na graduação do curso de dança da UFU, enquanto Rodrigues (2023) investiga em sua dissertação, os processos formativos desenvolvidos com os alunos deficientes numa instituição pública voltada para o ensino de artes cênicas.

A ideia inicial de sua pesquisa surgiu quando entrou na escola de artes cênicas como pedagoga e verificou que havia uma seção voltada para a política de inclusão nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC's). A respeito do primeiro contato com a escola, a autora relata:

Ainda no meu processo de ambientação e compreensão da dinâmica da instituição tomei conhecimento de que havia na escola alunos com deficiências (PCD's), e busquei informações sobre eles e em relação aos trabalhos que eram desenvolvidos para/com eles. Contudo, naquela ocasião, nas poucas conversas que estabeleci com discentes e docentes, percebi nos relatos que havia a necessidade da escola se adequar para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem para/com pessoas com deficiências, pois o que estava apontado nos PPC's dos cursos não estava implementado. (Rodrigues, 2023, p.17)

Compreendo que, infelizmente, o fato apontado acima é uma realidade presente em vários âmbitos da sociedade, inclusive nos ambientes artísticos. Além das ações institucionais que garantem por lei, que as pessoas com deficiência tenham seus direitos e oportunidades garantidos, precisamos assegurar que as práticas de inclusão e acessibilidade sejam efetivadas e que o direito pleno de ir e vir sejam promovidos para todos os cidadãos. Ou seja, nas

instituições de ensino, por exemplo, se faz necessário, ambientes e materiais adaptados, assim como educação continuada dos docentes, adaptação dos currículos e atividades desenvolvidos, dentre outros.

Além disso, a autora sugere que a educação especial, na perspectiva da educação inclusiva, deve “focar seu processo de ensino aprendizagem na necessidade do discente e para tanto, demandará mudanças estruturais, procedimentares e atitudinais no interior das escolas com vistas a se tornarem inclusivas.” (Rodrigues, 2023, p.19). A autora diz ainda:

Destarte, acredito que o desenvolvimento de uma pesquisa acerca dos processos pedagógicos estabelecidos para a formação em artes cênicas de pessoas com deficiência se legitima, pois no processo formativo se estabelecem trocas de conhecimentos entre docentes e discentes proporcionando uma experiência metodológica peculiar que muito tem a nos evidenciar acerca de metodologias de ensino que poderão ser compartilhadas e contribuir com a prática docente de outros professores, assim como a pesquisa se configurará como produção teórica e empírica que poderão servir de referência para outros trabalhos. (Rodrigues, 2023, p.20)

Em suas conclusões a autora aponta que a educação especial, na perspectiva da educação inclusiva, não deveria se restringir a ações individuais, nas quais cada professor desenvolve suas estratégias de inclusão. Na opinião de Rodrigues (2023), é preciso que haja a implementação de políticas institucionais que definam ações e metas para que as Instituições de Ensino possam ser inclusivas.

Assim como colocado por Glaise Rodrigues, acredito que, se houver ingresso de PcDs na graduação em dança da UFU, o processo didático e formativo dos alunos com deficiência se dará sobretudo, na e pela prática. Os professores, técnicos e estudantes encontrarão maneiras de adequar as aulas e os processos práticos a partir das vivências desenvolvidas com os discentes PCDs. A partir das trocas de saberes geradas “no fazer”, considerando que estas são sempre singulares.

Ainda em busca de referências sobre o tema, encontrei um trabalho de conclusão de curso (TCC), do Curso de Dança da Universidade Federal de Pernambuco, que se aproxima da minha pesquisa. O TCC foi desenvolvido por Elissandra Cavalcante Brasil e recebeu o seguinte título: *Um mapeamento da inclusão da pessoa com deficiência no ballet clássico no Recife*. Essa pesquisa

propõe analisar o processo de inclusão da pessoa com deficiência (PcD), mapeando o ensino do ballet clássico nas escolas e academias de dança na capital do Estado de Pernambuco, Recife.

Percebo alguns pontos de correlação entre nossas pesquisas, resguardando as particularidades de cada uma, pois também desenvolvi um mapeamento das escolas/academias e projetos de dança na cidade de Uberlândia. No meu caso, não defini um estilo ou técnica de dança como recorte. Na pesquisa de Brasil (2021) o foco é as escolas de Ballet Clássico, por ser a modalidade principal da sua cidade. Contudo, ela não especifica os tipos de deficiências, pois seu foco principal é investigar as questões inerentes à inclusão nas escolas visitadas. Em um determinado momento do texto, a autora questiona os professores das escolas visitadas da seguinte maneira:

Quando os professores foram questionados sobre o que acreditavam ser o motivo de tal escassez de alunos com deficiência nas escolas, as respostas variaram entre a culpa das próprias escolas, que não demonstram estar abertas a receber esse público (o que causa a desinformação), a mídia, a história de formação do próprio ballet clássico e o preconceito. “Se as escolas fossem de braços abertos, digamos assim, é estamos aqui pra receber vocês, né?” É... eles não se sentiriam assim, talvez eles procurariam, mas não tem, não tem essa visibilidade, né?” (informação verbal). (Brasil, 2021, p.18)

Esse apontamento, apresentado pela autora ajuda a considerar que a maioria das escolas de dança do país talvez não estejam preparadas para receber PcDs. Em minha pesquisa, pude identificar que nas escolas de dança de Uberlândia, apenas 33% possuem ou possuíram alunos com deficiência (ver gráficos em anexo). Conversando com os (as) proprietários(as) das escolas, surgiram falas como: “nossa dança não é para deficientes”, ou ainda: “não temos estrutura arquitetônica para recebê-los”. Estas afirmações apresentam atitudes excludentes e preconceituosas por parte dos próprios profissionais.

Na pesquisa de Brasil (2021), há observações sobre suas visitas nas escolas, apontando todos os dispositivos de acessibilidade encontrados nestes espaços. A autora diz que:

Nenhuma delas se encontra completamente preparada no quesito acessibilidade arquitetônica, mas a Escola Abadance e a Escola Baloné foram as que mais se aproximaram desse ideal, pois possuem entrada, área de convivência e salas de dança acessíveis. Nenhuma das escolas possui piso tátil ou banheiros adaptados. (Brasil, 2021, p.19)

A autora ainda discorre sobre uma escola que, dentre todas as visitadas em Recife, é a “mais longe de ser acessível arquitetonicamente, pois o acesso da entrada na escola até as salas de dança acontece por meio de escadas” (Brasil, 2021, p.19). No entanto, afirma que, contraditoriamente, “é a que possui maior número de alunos com deficiências, sendo elas o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a Síndrome de Down, num total de três alunos” (Brasil, 2021, p.19).

Coincidentemente, uma das escolas que contatei em Uberlândia, relatou ter perdido três alunos com dificuldade de locomoção, pois a escola se mudou para um prédio sem acessibilidade. Em ambos os casos, na cidade de Recife e Uberlândia, muitas escolas não possuem prédio próprio e precisam lidar com as condições de locação do movimento imobiliário local, assim como com as condições de preços de aluguel. Me pergunto se as proprietárias de escolas de dança pudessem escolher imóveis com condições de acessibilidade, elas fariam essa opção com o intuito de desenvolver um trabalho inclusivo com estudantes com deficiência.

Após apresentar essas particularidades de pesquisas sobre pessoas com deficiência, procuro construir, no próximo capítulo, reflexões que articulam os problemas de pesquisa elaborados para essa investigação e os dados levantados nas entrevistas.

3. TERCEIRO CAPÍTULO

3.1. Refletindo sobre os problemas de pesquisa

Ao definir os problemas direcionadores dessa pesquisa, me perguntei se conseguiria respondê-los a contento. Durante o processo de levantamentos de dados, houve momentos que pensei que não conseguiria encontrar pessoas para compor o recorte estipulado, pois só havia identificado uma pessoa que se encaixava no perfil da pesquisa: o dançarino Dyego Borges; que havia visto se apresentando em alguns lugares da cidade. No entanto, com persistência encontrei mais duas pessoas. Estes fatos e estas dificuldades, me auxiliaram no processo de reflexão que apresento a seguir.

Minha primeira questão problema foi refletir sobre o contexto socioeconômico e familiar das pessoas com deficiência (física, visual e auditiva) que estudam dança na cidade de Uberlândia. A partir das conversas com os(as) entrevistados(as) percebi o quanto são diversos os contextos socioeconômicos, motivações pessoais, profissionais e cultural de cada um deles. Minhas reflexões estão focalizadas nas três pessoas que realizei a entrevista individual, pois no contato que tive com as pessoas com deficiência visual, na ADEVIUD, eles relataram que só faziam dança como uma ação integrativa oferecida pela associação. Por este motivo não me estendi no questionamento sobre fatos que permitiriam identificar suas condições socioeconômicas e familiares. Entendi que não pretendiam ingressar em uma graduação em dança, nem mesmo de estudar dança com mais dedicação e interesse. Este detalhe foi um fator que permitiu excluí-los das reflexões sobre pessoas PcDs que desejassem cursar a graduação na UFU.

No que diz respeito aos três dançarinos entrevistados, todos tiveram possibilidade de acesso à educação tradicional (Ensino fundamental e médio), assim como o apoio familiar para dançar. As condições financeiras familiares possibilitaram que pagassem as aulas de dança e que se deslocarem até os locais nos quais elas aconteciam/acontecem. Mariana e Wellington afirmaram não ter tido nenhuma dificuldade financeira ou de apoio emocional, disseram que têm autonomia para transitarem de modo independente. Dyego conta com o

apoio de sua mãe, que o leva de carro em todos os lugares e empurra sua cadeira de rodas nos locais de difícil locomoção. Estas pessoas também tiveram acesso à educação tradicional (Ensino fundamental e médio), sem problemas.

A segunda questão problema foi refletir sobre o contexto da experiência em dança das pessoas com deficiência na cidade. Nesse sentido pude identificar que, assim como sinalizam Rodrigues (2023) e Brasil (2021) em suas pesquisas, há detalhes relacionados às condições físicas dos locais onde as aulas de dança acontecem e às condições pedagógicas dos(as) professores(as) envolvidos, que impactam na experiência em dança que será vivenciada por seus praticantes.

Mariana disse durante a entrevista que se talvez ela não tivesse sido bem acolhida nas aulas quando decidiu voltar a dançar, provavelmente nem estaria dançando atualmente. A entrevistada apontou que tem algumas dificuldades operacionais para estar em cena, relacionadas a como sua baixa visão impacta no ato de dançar, pois se houver pouca luz no ambiente seu deslocamento e percepção espacial ficam comprometidos. Em suas palavras: “como eu tenho a baixa visão, no começo, eu fiquei um pouco insegura de voltar” (entrevista 4, anexo, p.58). No entanto, ela sinaliza ter encontrado orientação e apoio para superar suas dificuldades.

Wellington também afirmou não haver enfrentado nenhuma adversidade para dançar e que aprendeu a dançar forró dançando com a namorada. Ele disse que sempre foi livre para dançar e que lamenta o fato de, em certa fase de sua vida, não haver dançado. O entrevistado aponta que há dois anos iniciou os estudos na dança de salão e que tem gostado de se dedicar a estes conhecimentos. Não apontou nenhuma dificuldade, mesmo com sua perda auditiva.

Dyego citou, por vezes, problemas relacionados às estruturas físicas dos locais que dificultaram seu deslocamento nos momentos que foi convidado para realizar apresentações da sua dança:

Tem palco que não tem rampa, tem lugar que é só escada. Tem banheiro que é muito estreito e não passa uma cadeira (de rodas). Tem lugares que não tem como você se mover, tem o chão ruim. Tem lugares que tem muita subida e descida e é mais difícil (Entrevista 2, anexo, p.53).

Assim como relatou o acolhimento de alguns professores e a dificuldade de outros ao dar aula de dança para ele. Sobre as experiências ruins com profissionais da área, o entrevistado disse:

[...] porque não acha muitos professores que querem ensinar pessoas deficientes, tem professores que têm medo. Teve até uma vez que um professor de teatro disse que não saberia se daria conta de mim, de dar aula pra mim, por exemplo. No *Dançaraxá* (Festival de dança de Araxá) o júri disse: 'eu não sei como te avaliar, porque você é um deficiente'. Então são esses negócios que atrapalham bastante, não é porque você é deficiente que você não é artista" (Entrevista 2, anexo, p.54).

A respeito das dificuldades pelas quais o filho passa, a mãe de Dyego relatou que em determinada ocasião ele foi dançar em uma ONG e que para ter acesso ao local teve que subir de graus, disse ainda que para chegar na porta havia carros estacionados dificultando a passagem. E completou: "Essa coisa do teatro, o professor realmente foi categórico: 'não aceito deficiente, não sei fazer isso'. Ele não aceitava na instituição dele" (Entrevista 2, anexo, p.54)

Acredito que a experiência de dançar é impactada por fatores externos ao dançarino e fatores intrínsecos a ele; e que a correlação destes fatores possibilita que a pessoa permaneça dançando ou não. Assim como as autoras citadas, identifiquei nos relatos dos entrevistados que na maioria das escolas de dança de Uberlândia o espaço físico não é adequado para receber PcDs, pois aqueles locais que são adaptados para receberem estes alunos. Os entrevistados sinalizam isso em suas falas.

Na terceira questão problema me pergunto se as pessoas com deficiência que dançam na cidade de Uberlândia têm interesse em cursar uma graduação em dança e, caso tenham, se encontram algum tipo de dificuldade para ingressar no curso. Antes de falar sobre as respostas dos entrevistados, aponto uma questão importante sobre as políticas educacionais que visam a implementação da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, tal como a Lei nº 13.409 de 28 de dezembro de 2016. Essa lei fala sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das Instituições Federais de Ensino, o que colabora para que haja uma maior procura por parte das pessoas com deficiência que desejam ingressar nas universidades e realizar uma formação acadêmica. Segundo o texto da lei:

Art. 1º Os artigos 3º, 5º e 7º da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, passam a vigorar com as seguintes alterações:

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do IBGE.

Art. 7º No prazo de dez anos a contar da data de publicação desta Lei, será promovida a revisão do programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos e indígenas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. (Brasil, 2016).

No texto citado acima, e no decorrer da pesquisa com viés etnográfico, temos grandes desafios a serem considerados, a começar pelas práticas de ensino e didática que precisam englobar todos os discentes (com suas especificidades), e para isso, se faz necessária uma formação pedagógica inclusiva e continuada da parte dos docentes. Ademais, precisamos de ações formativas que garantam não só o acesso, mas a permanência dos PCDs nas universidades, além de claro, infraestrutura básica de acessibilidade física, atitudinais, de transporte público, materiais didáticos, dentre outros recursos de inclusão.

A partir dos desdobramentos da pesquisa, vejo que são diversos os contextos familiares, socioeconômicos, pessoais e profissionais que levam os alunos com deficiência a almejamem, ou não, uma graduação em dança na cidade de Uberlândia. Percebo também que mesmo considerando as ferramentas de inclusão do curso da UFU, ainda há situações que podem

impactar na vida do estudante PcD, como, por exemplo, não haver piso tátil em todos os ambientes da universidade e os ônibus intercampi não serem acessíveis aos cadeirantes.

Ao serem questionados se sabiam da existência do curso de bacharel em dança na UFU, todos responderam que sim, entretanto, ao perguntar se fariam o curso as respostas foram diferentes: Mariana não tem interesse, entende a dança como um hobby, pois é formada em outra área e atuante em sua profissão; Wellington diz ter interesse e que pretende se aprofundar na área, mas no momento não consegue conciliar o seu trabalho com a graduação; o Dyego afirma ter vontade, mas que tem receio de ingressar no curso por este ter uma carga horária integral que exige uma dedicação e disponibilidade de tempo que, segundo ele, não possui no momento; e também pensa que pode ser convidado a trabalhar com estilos de dança que não são habituais para ele.

Outro fato interessante que identifiquei foi sobre o entendimento dos entrevistados a respeito do termo “profissional da dança” e se eles se enxergam como tal. Para Mariana, o profissional precisa de uma formação técnica e remuneração, e, neste contexto, diz que não tem uma “formação tão concreta, tanta experiência assim” (Entrevista 4, anexo, p. 58). Já o Wellington aponta que: “por profissional eu entendo que é alguém que recebe dinheiro com o trabalho na dança. Por enquanto não sou um profissional desse tipo. Tenho pensamento de um dia ser, estando preparado para isso” (Entrevista 3, anexo, p.56). Ele complementa seu posicionamento afirmando que se fosse considerar suas habilidades como dançarino, ele se nomearia como um profissional da dança. Por fim o Dyego disse sem hesitar, que se considera um profissional da dança e enumera alguns fatores: a) pelo tempo de sua experiência atuando na área, b) por haver feito apresentações de dança em diferentes lugares e contextos, c) por haver sido premiado. Em suas palavras: “eu estudei muito para isso, ensaios, o tempo de carreira também, já fui para festivais competir, alguns não competi, mas ganhei muitos troféus, então tenho uma carreira boa” (Entrevista 2, anexo, p.53) Quando indaguei se recebe remuneração em suas apresentações, respondeu já ter recebido em algumas ocasiões.

Todas essas reflexões acerca dos problemas de pesquisa levantados contribuem para as considerações finais que farei a seguir. A intenção de querer fazer uma graduação é uma consequência de uma série de fatores anteriores a

isso. Precisa existir uma motivação pessoal, associada a oportunidades que fortaleçam o interesse do(a) estudante com deficiência em dançar e desenvolver-se na área. Assim como o vislumbre de que essa profissão pode oferecer-lhe condições de subsistência.

Elencou-se até aqui, alguns apontamentos a serem pensados e aprimorados para que consigamos de fato a viabilização do ingresso da pessoa com deficiência não só no âmbito educativo, mas também nos diversos espaços sociais, culturais, artísticos e de lazer.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente gostaria de ressaltar que são variadas as maneiras de formação na dança e que não se restringe, apenas, a graduação (Licenciatura ou bacharelado). A profissionalização do artista da dança requer uma educação diversificada, ela pode se dar por meio de: a) cursos e oficinas nos estúdios, academias, escolas de dança; b) cursos profissionalizantes, a nível de segundo grau, ou outros que auxiliam na formação técnica e artística como Companhias estatais, por exemplo; c) graduações com habilitação em licenciatura ou bacharelado; d) estudos autodidatas, que se desenrolam em investigações pessoais e no contato com outros profissionais; e) participar do elenco de uma Companhia de dança; dentre outros. Desse modo, há quem inclua em seu processo continuado de formação o estudo universitário e outra parcela de artistas que não façam essa escolha.

Assim como foi apontado por uma das entrevistadas, compreendo que a pessoa com deficiência deve ser estimulada a dançar nas escolas de ensino regular (fundamental e médio), nas academias de dança, ONGs e projetos sociais. A partir do levantamento de dados dessa pesquisa, elaborei gráficos⁹ que revelam a ausência de alunos PCDs nas escolas/academias de dança da cidade de Uberlândia, dentre as 59 escolas contactadas, apenas 33% possuem ou possuíram estudantes com deficiência. Conversando com os responsáveis por estas instituições surgiram falas como: “nossa dança não é para deficientes”, ou ainda: “não temos estrutura arquitetônica para recebê-los”. Estas expressões apresentam atitudes excludentes e preconceituosas por parte dos profissionais.

Outro ponto de suma importância é em relação à divulgação do curso de Bacharelado em dança na UFU. Me pergunto se nas zonas mais periféricas e com situação socioeconômica mais baixa da cidade e região, as pessoas sabem da existência do curso, das bolsas de incentivo à permanência do estudante na universidade, do ingresso e acesso gratuito a toda população? Durante esses 6 anos em contato direto com as atividades desenvolvidas pelo curso de dança da UFU, percebo que em sua maioria, trabalhos/ oficinas/ apresentações de dança que são realizadas em locais externos ao campus da UFU, ocorrem na região

⁹As tabelas criadas pela pesquisadora são apresentadas no Anexo 1.

central da cidade ou em bairros próximos ao centro, como por exemplo no MUNA, no Teatro Municipal de Uberlândia, no Centro Municipal de Cultura, no Centro de Memórias da Cultura Negra Casa do Aché, dentre outros. Como vamos difundir os trabalhos artísticos produzidos na graduação, bem como os cursos de extensão oferecidos à comunidade, se nós - discentes e docentes, realizarmos estas ações somente em algumas zonas da cidade e não levamos nossas produções para os bairros mais afastados? Me pergunto ainda, se nestes bairros há locais que possam receber espetáculos e/ou oficinas de dança.

Por exemplo, dentre as três pessoas com deficiência entrevistadas, duas só ficaram sabendo da graduação nas escolas em que dançavam, depois que começaram a fazer as aulas. Assim, é fundamental, que as atividades de extensão, a circulação dos trabalhos artísticos criados pelos discentes e a divulgação de outras atividades de ensino e pesquisa sejam divulgadas da maneira mais ampla possível. Assim como, que estas atividades sejam cada dia mais acessíveis e diversificadas, para que consigamos fazer chegar a todos os cidadãos as oportunidades de formação em dança na Universidade Federal de Uberlândia.

Temos que considerar também, que o bacharelado, curso oferecido pela UFU, começou o processo de formação, com uma prova de habilidades específicas para entrar no curso e seguiu assim por cerca de 4 anos, até mudar para o processo de ingresso pelo SISU. Ainda que não fosse a intenção de excluir possíveis integrantes, o fato de ter uma prova de habilidades específicas pode ter impactado inicialmente no ingresso de um público diversificado. Além disso, o bacharelado não possibilita a atuação em escolas de ensino regular, como a licenciatura. Esse fato, em cidade do interior do Brasil, como Uberlândia, pode ser responsável por impactar no interesse das pessoas (PCDs ou não) de ingressar no curso de dança. Pode-se pensar também que, por ser um curso integral, é possível que o(a) discente trabalhe em academias / escolas de dança em horários flexíveis, a partir das 16h, fato que contribuirá para sua formação. Contudo, não auxilia o aluno que precise trabalhar em outros tipos de empregos, com horários fixos. Na realidade dos ingressantes do curso de dança se identifica que muitos estudantes precisam conseguir trabalho para se manter financeiramente durante o bacharelado.

Dito isso, encerro a reflexão dizendo que a UFU reconhece e promove iniciativas de inclusão e permanência de docentes e discentes com deficiência, inclusive, a DACIN é uma das responsáveis por isso:

A Divisão de Acessibilidade e Inclusão (Dacin) pertence à Diretoria de Ensino (Diren), da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A Dacin foi criada em 2004, como Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial (Cepae), e institucionalizada em 2020 como Divisão de Ensino, pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial (Depae) e reorganizada em 2023 como Divisão de Acessibilidade e Inclusão (Dacin) visando ao fortalecimento e à valorização do processo inclusivo no âmbito da UFU a partir da implementação de políticas de acesso ao ensino superior e ao conhecimento; a permanência dos acadêmicos em cursos de graduação, pós-graduação e o atendimento desses acadêmicos, seus professores, bem como aos servidores com deficiência que atuam dentro da nossa universidade. (Prograd - UFU, 2025)

Salvo às diversas atividades oferecidas pela Divisão de Acessibilidade e Inclusão além de outros órgãos competentes que possuem o propósito de fomentar o ingresso e a permanência na Universidade Federal de Uberlândia, temos no bacharelado de Dança, abertura para desenvolver metodologias, abordagens e didáticas por parte da equipe de docentes e técnicos do curso que inclusive são sempre disponíveis e acolhedores. Assim, mesmo cientes que nem todas as pessoas PcDs irão ingressar no curso de graduação em dança da UFU, ou em outros cursos, a universidade oferece atividades de extensão (cursos, palestras, oficinas, dentre outros) que possibilitam diferentes oportunidades à população Uberlandense.

O estudo apresenta margens para desdobramentos e aprofundamento futuros a partir dos tópicos aqui levantados, e, ressalta a importância das particularidades de cada discente no ambiente acadêmico que promove assim, uma integração sociocultural diversificada, além do papel das políticas educacionais que garantam a equidade do ensino.

REFERÊNCIAS:

ATAÍDES, F. OLIVEIRA, G. SILVA, A. A Etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa. In: **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.48, p.133-147, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2601> . Acesso em: 10 maio 2024.

BERTINI, K. R. B. O Autismo é um tipo de deficiência? In: **Jusbrasil**, 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-autismo-e-um-tipo-de-deficiencia/1932920360> . Acesso em: 23 set. 2024.

Biblioteca Virtual em Saúde. Política Nacional de saúde da pessoa com deficiência. **Biblioteca Virtual em Saúde** – Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/MatrizesConsolidacao/comum/37518.html#:~:text=A%20OMS%20estima%20que%20cerca,e%201%25%20> . Acesso em: 23 set. 2024.

BRASIL, E. C. B. **Um mapeamento da inclusão da pessoa com deficiência no ballet clássico no Recife**. 2021. 63 p. TCC (Graduação) - Curso de Dança. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2021.

BRASIL. LEI Nº [L13409](#), DE 28 DE DEZEMBRO DE 2016. Institui o código Civil. Diário Oficial da União. 29 dez. 2016.

BRASIL. LEI Nº [L13146](#), DE 6 DE JULHO DE 2015. Institui o código Civil. Diário Oficial da União. 07 jul. 2015.

Divisão de Acessibilidade e Inclusão. **PROGRAD**, Uberlândia, 07 abril. 2025. Unidade Organizacional. Disponível em: <https://www.prograd.ufu.br/unidades-organizacionais/divisao-de-acessibilidade-e-inclusao-dacin>. Acesso em: 24 abril 2025.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. In: **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832009000200006> . Acesso em: 15 maio 2024.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. In: **Didática**, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Entrevista_na_pesquisa_social.pdf . Acesso em: 15 maio 2024.

MATOS, L. **Dança e diferença, cartografia de múltiplos corpos**. Salvador: EDUFBA, 2012.

RODRIGUES, G. N. R. B. **Formação em Artes Cênicas de Pessoas com Deficiência**: processos pedagógicos inclusivos para o desenvolvimento integral

dos discentes. 2023. 208p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará, Belém, 2023.

ANEXO 1 - TABELAS

1.1 TABELA DE ESCOLAS CONTACTADAS:

ESCOLAS DE DANÇA	NOME DO RESPONSÁVEL	FECHOU	POSSUEM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA?		
			NÃO	SIM	QUANTIDADE
Uai Q Dança	Amanda Benfica			X	3
Top D'Ance Studio de Dança				X	3
Passo de Art Studio de Dança					
Unidança			X		
Inovadança			x (faz 8 anos)		
Alex academia de dança	Alex				
Sonhart ballet			X		
Zambra Giltana Escuela Flamenca de dança				X	1
Escola de Dança Flutuar					
Flying- Studio Pole Dance			X		
Dançarte escola de dança					
Studio V escola de dança	Vanessa Fharia			X	1
Studio de danças Étnicas Nana Gonzaga				X	1
Brasil A dois Dança de salão			X (faz 5 anos)		
Cia de danças El Marouni	Giovanna			X	2
Cia de dança Alex Feliciano - Dança de Salão					
Escola de Dança Carla Cecílio	Carla Cecílio		X		
Centro de dança Talentos	Cláudia Bittencourt		X		
Empodere Pole Fitness			X		
Studio RJ	Renato Stvo		X		
Academia Atividança		X			
Dança Malu Vidal	Malu Vidal				
Arte do corpo- escola de ballet					
Oliveira e diniz Dança de salão					
RG Stilleto Studio					
Pablo Coreografias				X	1
Bailarinando com Elliaby Prado	Elliaby Prado				
Ballet.art				X	2
Yalla Blna Cia de Dança Oriental		X			
Luna Delfuego centro cultural de dança					
Mimmo escola de dança					
Fabio Vladimir Ritmo	Fábio Vladimir			X	15
Sol Dance studio	Thayná Sol			X	1
Studio Sabará	Júlia Sabará		X (faz 3 anos)		
Artidanse espaço de dança	Jéssica (UFU)		X		
Núcleo shams de dança	Leonora Fagundes		X (faz 2 anos)		
Strodum de Dança	Cláudio Strodum				
Provisório corpo	Ricardo Alvarenga				
Berg Studio de dança	Cristiane Berg			X	3
Ketry Furlanetto	Ketry Furlanetto				
Kpop on Top	Jhullyene			X	1
Mirian Criart	Mirian Fagundes		X	X	1
Núcleo de Dança Priscila Prates	Priscila Prates			X	2
Cia de dança Praia Clube	Priscila				
Casa It/ It Cia	Jhonathan				
Espaço Fluxo				X	1
APAE	Maria Cristina (prof) afastada				
Centro cultural					
Movimente sua vida- Cláudia Nunes	Cláudia Nunes		X		
Igarapé Equilíbrio	Larissa Souza		X		
SESC	Henrique/Fernanda			X	?
Dyego Jackson					
Cia Cedro do Líbano			X		
Jbart Studio	Jesi Helena		X		
ADEVIUD				X	11
Studio Dance	Daniela Reis			X	4
Eduardo Paiva					
SESI	Claudia Nunes		X		
Conservatório Cora Pavan Capparelli			X		
Não visualizou					
Respondeu - não tem alunos					
Respondeu - tem alunos					
Não respondeu nenhuma vez					

1.2 TABELA DE ESCOLAS COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA:

ALUNOS COM DEFICIÊNCIA							
ESCOLAS DE DANÇA	FEMININO	IDADE	DEFICIÊNCIA	MASCULINO	IDADE	DEFICIÊNCIA	
Zambra Gitana Escuela Flamenca de dança	1	12 anos	Síndrome de Down				
Centro de dança Talentos	PROJETO			PROJETO			
Pablo Coreografias				1	<56 anos	Paraplégico (não tem contato mais)	
Ballet.art	2	6 e 9 anos	Autista e Síndrome de Down				
Berg Studio de dança	2	18 e 19 anos	Autista	1	6 anos	Autista	
Núcleo de Dança Priscila Prates	2	12 e 15 anos	Autista e Síndrome de Down				
Dyego Jackson				1		Deficiente físico	
Studio V Escola de Dança	1	6 anos	Síndrome de Down				
Studio Dance Daniela Reis	3	4,6 e 23 anos	Autista	1	6 anos	Autista	
Espaço Fluxo		18 anos	TDAH				
Adeviud	6	< 40 anos	Deficiente visual	5	< 50 anos	Deficiente visual	
Top Dance Studio de Dança				1	<30 anos	Deficiente auditivo	
Kpop On Top				1	12 anos	Autista	
Fábio Vladimir (Dançando com a vida)	7	<19 anos	Síndrome de Down / Paralisia e intelectual	7	< 19 anos	Síndrome de Down / deficiência intelectual	
Uua Q Dança	3	<9 anos	Síndrome de Down e deficiência visual				
SESC			Síndrome de Down				
Sol dance Studio	1	5 anos	Autismo				
Studio de danças Étnicas Nana Gonzaga	1	10 anos	Autismo				
Mirian Criart	1	28 anos	Autismo				
Núcleo shams de dança	1	29 anos	Surdez (não tem mais contato da aluna)				
Cia de danças El Marouni	2	< 30 anos	Autismo e síndrome de down				

1.3 TABELA DE ALUNOS SELECIONADOS PARA ENTREVISTAS:

Alunos selecionados - Triagem 1:	
Berg Studio de dança	2 mulheres autistas
Dyego Jackson	homem, deficiente físico
Studio Dance Daniela Reis	mulher, autista
Top Dance Studio de Dança	homem, deficiente auditivo
Mirian Criart	mulher, autista
Cia de danças El Marouni	mulher, autista
Uai Q Dança	mulher, deficiente visual
Adeviud	homens e mulheres, deficientes visuais
Pablo Coreografias	homem paraplégico
Alunos selecionados - Triagem Final:	
Dyego Jackson	homem, deficiente físico
Top Dance Studio de Dança	homem, deficiente auditivo
Uai Q Dança	mulher, deficiente visual

ANEXO 2 - ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 - CLÁUDIA NUNES

Stéfany Antonia (SA): Qual o seu nome?

Cláudia Nunes (CN): Eu me chamo Cláudia Roberta Nunes Batista, mas meu nome artístico é Cláudia Nunes.

SA: Quantos anos você tem?

CN: Tenho quarenta e nove anos, quase cinquenta.

SA: Há quanto tempo você dança?

CN: Eu parei de fazer essa conta já tem um tempo, mas eu comecei a fazer dança com cinco anos.

SA: Fale um pouco sobre sua trajetória na dança: (sua formação /como começou/ se teve alguma influência para começar a dançar/ como surgiu o interesse em trabalhar com pessoas deficientes na dança).

CN: Eu comecei, engraçado, eu sempre quis dançar, eu sem saber o que era dança, ficava procurando dança... Um dia eu passei na porta de um teatro, eu era bem pequenininha, com a minha avó, e tinha umas bailarinas entrando e eu falei “vó vamos ver isso aqui né?” E minha avó comprou dois ingressos para nós assistir. Mais tarde eu fui professora dessa escola (*Física!* - deu aula por 8 anos). Então assim, parece que é um chamado. Eu nunca me vi sem a dança, eu não sei o que poderia ter acontecido comigo sem a dança, então desde que eu comecei eu tinha esse desejo, eu comecei nessa escola, no balé. Acredito que eu comecei na *Forma Academia* com a Betinha, depois eu fui pra outra escola, sempre no balé, com a professora Maria Tereza. Quando eu tinha 14 anos, essa professora ficou grávida e o médico proibiu ela de dar aula porque ela estava com descolamento de placenta. Aí ela falou assim pra mim: “Cláudia, você é minha aluna mais esforçada, então eu vou te ensinar a dar aula e você vai mostrar os exercícios, mas eu vou te ajudar. Eu vou estar aqui, mas você vai dar a aula”. Então assim, ela me ensinou tudo. Com 14 anos eu aprendi a dar aula de balé, com 15 ela fechou essa escola e eu fui pra *Fiscal*, lá eu me tornei

professora, dava aula, ganhei prêmios, já estava com um certo talento pra coisa. Aos 17 anos eu entrei para faculdade de psicologia, fiz psicologia dando aula de balé na *Física*. Aí quando eu formei parei de dar aula para ser psicóloga. Pedi demissão. Fiquei um ano trabalhando no Anglo como psicóloga escolar e caí em depressão, porque eu precisava da dança, eu senti muita falta da dança, muita mesmo. Só que já não tinha mais a *Física*, não tinha um lugar para mim. Eu sempre tenho essa história recorrente de não ter um lugar para mim. Aí eu abri a minha escola a “*Cláudia Nunes*”, eu tinha 20 anos e foi um sucesso. Depois ela virou o *Espaço Corpore* e ela alcançou 480 alunos na época, muitos alunos. Aí eu fiquei grávida duas vezes seguidas e meu marido, na época, me falou que agora eu tinha um sonho maior que era criar meus filhos, aí eu passei um perrengue. Depois eu fui voltando pro mercado com os projetos de dança inclusiva, paralelo ao balé que sempre foi a minha base. Quando eu entrei na psicologia, eu conheci a Maria Fux, e ela mexeu demais comigo. Eu achei ela numas dessas banquinhas (de livro) que tinha pela UFU. Depois comprei todos os livros dela e fiquei fissurada na Maria Fux. Cheguei a conhecer ela em 2002. Fui pra São Paulo e conheci ela pessoalmente. Ela faleceu o ano passado. Eu sou fissurada nessa mulher, nos livros dela e nos trabalhos dela de dança terapia. Porque nesse termo eu uni as minhas duas paixões, porque eu gosto muito de psicologia, mas eu não me encontrei nessa profissão. Quando eu fiquei fissurada na Maria Fux, eu comecei a imitar os trabalhos dela dentro UFU, na psicologia. Aí o João Luiz Leitão Paravidine, que foi uma peça muito importante para mim começar e acreditar no trabalho da dança com PCDs, que era um trabalho viável, ele era meu professor e eu conhecida como a bailarina. Aí ele me chamou porque estava com projeto que chamava “Ações Artísticas Coletiva para Autismo e Psicose Infantil” e disse: eu preciso de um estagiário que crie as oficinas de dança e eu quero que seja você. Aí eu desenvolvi essa oficina, mas foi difícil, eu saia chorando, foi muito desafiador, foi muito difícil porque quando eu colocava alguma música estimuladora, eles faziam xixi na sala, eram autistas muito graves, que as mães precisavam amarrar as mãos porque se não eles se mordiam, mordiam a mãe, então era uma situação muito pesada. Aí foi o ponto que eu comecei a entender o que era a dança inclusiva. O que é a dança terapia. Daí eu não parei mais. Eu fiquei nessa oficina sozinha por 1 ano. Muitos anos depois (20 anos) eu procurei o João Luiz para fazer mestrado nessa área,

mas ele disse que não eu preciso de mestrado, mas que eu precisava continuar o que eu estava fazendo e eu acreditei e desisti do mestrado.

SA: Você teve algum tipo de especialização / formação dedicada ao trabalho de dança com pessoas PCDs? Se sim, houve algum interesse específico?

CN: Não tive nenhum curso específico além da formação com a Maria Fux, a minha relação com a dança terapia é muito espiritual eu acho, porque a Maria Fux é uma pessoa hipnótica. Eu sonhava em conhecer ela, mas eu não sabia o porquê disso, mas ir lá e ver ela foi muito devastador para mim. Ela tem uma energia muito forte. Eu acho que as pessoas que trabalham com deficientes, carregam uma energia muito boa. Lá tinha umas 200 pessoas na sala, aí ela me olhou e disse “quando você começar a trabalhar com esse público, você vai fazer só isso”. Então assim, tem uma coisa de sina e o motivo maior que eu comecei a trabalhar foi essas coincidências. Eu não fiquei procurando nada relacionado à dança inclusiva, pelo contrário, eu até fugia; porque bate em questões muito fortes minhas. O meu pai foi deficiente por muitos anos, ele teve um doença rara, degenerativa, que na época ninguém sabia o que ele tinha, foi pra cadeira de rodas, perdendo os movimentos aos poucos e morreu muito ruim. Ele foi a minha principal inspiração, porque apesar dele estar na cadeira de rodas, sem falar, ele precisava de um momento de conexão com ele e isso é através do corpo. Eu costumo falar pros meus alunos: só o fato de você respirar, já é um ritmo, uma música e uma dança. Eu trabalho no sentido de humanizar a vida. O que eu fui aprendendo durante esse tempo tem muito de misturar com a psicologia que é o respeito a dignidade da pessoa e muito da dança, que é o respeito ao corpo da pessoa. Tinha um aluno que chamava Matheus e ele era não verbal. Eu tentei, com tentativa e erros, eu levava muitas músicas de batida de tambor, era bom para eles essas músicas primitivas porque acalmavam. Aí no último dia da oficina, depois de um ano, eu estava muito emotiva, mas eu não falei para eles que ia acabar a oficina e o Matheus me deu um abraço e falou: “professora bailarina vai ficar com a gente”. Ele nunca tinha falado e ele falou e eu desabei a chorar. Aí depois eu escrevi um projeto, já estava com meu espaço no (bairro) Lídice. Escrevi para o PMIC o primeiro projeto que chamava “Movimento Essencial”, onde eu tinha que dar aula para 30 alunos e tinha uma escola inclusiva lá perto, mas a diretora disse que eu só aceitaria se eu desse aula para

escola inteira, eram 300 alunos, foi o espetáculo mais lindo da minha vida. Tinha autistas severos, surdos dançando no ritmo da música. Depois eu consegui outro projeto de lei de incentivo que chamava “DAN - dança amor e movimento”, foi dança inclusiva nas escolas públicas. Foi nesse projeto que eu conheci o Diego Jackson. Depois teve um terceiro projeto que chamava “Conexão”. Que era para ensinar os professores que trabalhavam com a inclusão, a dança, teve vários professores de Uberlândia e nós fizemos um trabalho legal nas escolas também levando a dança inclusiva. Sempre levando o Diego comigo, conheci ele, ele tinha dez anos e hoje ele tem vinte e dois, escreve projetos, faz os trabalhos dele e é um dançarino profissional. Os alunos eram de todos os ciclos, sempre muitos autistas, surdos e síndrome de Down. Depois fui contratada para trabalhar na ADEVIUD com os cegos e depois fui para APAE, como psicóloga, mas não deu muito certo. Aí me separei do marido, abri a escola de novo e estou aqui no Sesi em parceria com eles, com isso eu perdi um espaço, onde eu possa desenvolver outros projetos, porque ali eu não posso desenvolver nada além do que está no contrato, dou aula de balé e jazz só.

SA: Agora você não tem disponibilidade de tempo para trabalhar com os seus projetos?

CN: Eu acho que não é disponibilidade de tempo, é disponibilidade afetiva. E estou num momento muito difícil e vou abrir pra vocês porque acho que faz parte de toda a história, lembra que eu falei do meu pai que teve uma doença? Eu fui diagnosticada com a mesma doença, tem um ano, e o fato de eu pensar que daqui uns 10 anos eu vou estar em uma cadeira de rodas, mexe. O fato de eu sair daquele posto de ajudadora, de motivadora, de força, de alicerce, de falar “você pode” e passar para o outro lado, será que eu vou poder? Será que? Eu não sei... Por enquanto não tem tratamento, não tem cura, é hereditário, eu herdei do meu pai e é de um cinismo muito grande. Na pandemia eu fui aprovada num projeto e eu ganhei uma grana para fazer um documentário e ainda eu não tinha o diagnóstico.

SA: Qual é o seu maior aprendizado/ lição trabalhando com alunos PCDs?

CN: Eu trabalhei com uma turma de idosos, num asilo, porque o meu trabalho não é só com deficientes, é com toda essa população invisibilizada também; e lá

tinha um senhor que chamava Sebastião, ele era muito idoso e pedia pra morrer todos os dias, menos sexta feira porque era o dia que tinha aula de dança. Ele era meio “surdo” e eu colocava a caixinha de som bem perto dele com uma música específica que ele gostava. Ele me disse que tinha dois anos que não conseguia levantar os braços, e um dia eu tirei uma foto com ele com os dois braços para cima... Então assim, o que aprendi é que na dança a gente faz o impossível e na dança a gente opera milagres. Sabe aquela frase: “você não sabia que era impossível, você vai lá e faz?”. A minha afastada (dos projetos) não foi de mim mesmo, eu tenho que processar o diagnóstico e falar “é só um diagnóstico, vamos embora”.

SA: Qual(is) é(são) o(s) seu(s) maior(es) desafio(s) ao trabalhar dança com pessoas com difiências?

CN: “Correr atrás”, o espaço da sala não se enquadra para eles. Quando eu estou falando disso, estou me recordando da oficina do João com as crianças autistas. As psicólogas que usam “saltinho e prancheta na mão” ficavam horrorizadas com as crianças. Por fim eu deixava a porta da sala aberta para eles correrem porque eram seis autistas severos, eu fiquei muito ovelha negra na oficina. Então assim, entender esse processo que eles (as crianças), não são objetos da psicologia, eles são objetos da vida, da dança, eles não podem ficar presos num lugar só. Eu gosto de buscar a potência, eu fiquei 10 anos trabalhando com ele, um dia eu falei assim: “Dyego, qual é o seu sonho?”, ele me disse que não tinha nenhum, eu disse que o meu sonho para ele era de ver ele andando, e a partir desse dia, esse sonho passou a ser dele, aí ele foi atrás de como ele ia fazer, fez cirurgia, células tronco, por causa de uma fala minha. Então assim, essa pessoa que eu sou para eles, de acreditar mais neles do que eles mesmo, eu queria ser pra mim, agora. Mas fora isso não tem muita dificuldade não.

SA: Você acha que o mercado de trabalho de dança na cidade de Uberlândia é inclusivo? Por quê?

SA: Não é. Porque a dança é tudo mais do mesmo. Porque o dinheiro vem do balé e do jazz, eles têm uma rigidez técnica que não cabe uma pessoa que não se enquadra nos moldes, e para se enquadrar nos moldes, eu não quero. Ela vai

sair perdendo. Então ela precisa trabalhar a dança terapia, que era o que eu fazia. Então hoje não existe esse trabalho aqui em Uberlândia, porque eu parei.

SA: Na UFU ainda não houve nenhuma entrada de PCD's. Qual a sua opinião a respeito desse dado?

CN: Porque talvez, vamos refletir juntas, a mesma pessoa que não entra numa escola de dança, que é um ensino regular, vai ensinar uma técnica. A UFU é a mesma coisa, a UFU não está preparada para receber, porque vai chegar lá e vai moldar a pessoa num sistema acadêmico. E o que é interessante para essa pessoa ser moldada num sistema acadêmico? Por que será que o João Luiz não me deixou fazer o mestrado? Então talvez seja isso... O Que vocês acham?

Patrícia Chavarelli (PC): Eu acho que tem alguns moldes na Universidade sim, você tem razão. Eu acho que não tem na UFU, em especial, esse molde do movimento técnico. Não tem um modelo que o aluno tem que seguir. A gente trabalha com outros tipos de abordagem, mas existem moldes sim. Por exemplo, quando a gente foi fazer o recorte das pessoas que iríamos observar, a gente entendeu que, só pode entrar na Universidade quem terminou o ensino médio. Então alguns tipos de deficiência que impactam na parte cognitiva/intelectual onde a pessoa não consegue terminar o ensino médio, a gente não teria como observar. Então, a Universidade como uma formação de graduação, tem mais restrições mesmo, porque a pessoa tem que ter condições de além de se mover, e aí esse "mover" pode ser dos modos que a pessoa é capaz, isso é super possível, agora nessa parte cognitiva/intelectual de pensar com organizar pensamentos, como falar sobre isso... aí tem restrições, realmente, você tem razão. A não ser no campo das extensões por exemplo, a gente poderia na extensão oferecer propostas bem mais abertas.

ENTREVISTA 2 - DYEGO BORGES

SA: Qual o seu nome?

DB: Dyego, mas conhecido como Dyego Jackson.

SA: Quantos anos você tem?

DB: 22 anos.

SA: Qual a sua deficiência?

DB: Paralisia cerebral.

SA: Há quanto tempo você dança?

DB: 12 anos.

SA: Fale um pouco sobre sua trajetória na dança: (onde pratica /como começou/ se teve alguma influência para começar a dançar).

DB: Comecei com 6 anos de idade, fazendo danças na minha escola, que eu estudava. Comecei a participar de festivais da minha escola, até que chegou o momento em que eu conheci a Cláudia, que foi uma das minhas professoras de dança, Cláudia Nunes. Ela me acolheu. Aí eu comecei a fazer dança, participar de projetos sociais, dançar nas escolas públicas, em geral.

SA: Você conheceu a Cláudia em algum projeto ou na escola?

DB: Na minha escola, AMEDUCA, escola particular.

SA: Você teve alguma influência para começar a dançar?

DB: A minha influência sempre foi o Michael Jackson, nunca tive uma influência de uma dança em geral, sempre foi o Michael (Jackson).

SA: Com a Cláudia você chegou a fazer aula de dança? Ela dava aula de alguma técnica específica?

DB: Sim, cheguei a fazer aula de dança, a trabalhar com ela inclusive. Ela dava técnicas específicas como dança contemporânea, estímulos, exercícios, e aí a gente ia trabalhando em escolas públicas, faculdades e dançava em vários lugares da cidade.

SA: Você fazia aula com ela (Cláudia Nunes) na escola? Tinham outros alunos ou não?

DB: No começo foi, aí depois comecei a fazer aula com ela no *Movimente* (academia de dança), eu tinha aula particular com ela.

SA: Hoje em dia você dança em alguma escola? Tem atividades regulares de dança?

DB: Hoje em dia eu estou num projeto social (Projeto Saúde e Equilíbrio), eu faço o trabalho de dança do tributo ao Michael Jackson, o coordenador do projeto é o Élberty.

SA: Como funciona esse projeto social? Você tem alguma preparação corporal para fazer o seu tributo ao Michael?

DB: É de artes em geral, é de bicicleta, break dance, palhaço, circo. Agora ele tem um espaço físico em Patrocínio, Parque Olímpico BMX. Eu treino em Uberlândia, vou para Patrocínio, viajo para outras cidades também.

SA: Lembra de alguns Festivais de dança que você já participou?

DB: O Festival de Dança do Triângulo é um dos que eu mais participo. Já fui no festival de dança em Araxá também (Dançaraxá).

SA: Hoje em dia você dança em grupo ou apenas solo?

DB: Hoje em dia eu danço só solo. Com a Fernanda (Bevilaqua) também. Por enquanto as aulas são particulares, estamos fazendo um trabalho juntos, um projeto nosso.

SA: Você chegou a dançar na *Uai Q Dança*?

DB: Sim, fiz aula na *Uai Q Dança* com a Fernanda (Bevilaqua), ainda estou fazendo. Lá é contemporâneo e faço também *Blend*.

SA: Você é um profissional da dança?

DB: Sim.

SA: Essa escolha para você se nomear um profissional da dança ela se dá baseada em que fatores? Você recebe para dançar?

DB: Eu recebo dinheiro, eu estudei muito para isso, ensaios, o tempo de carreira também, já fui para festivais competir, alguns não competi, mas ganhei muitos troféus. Então tenho uma carreira boa (artística).

SA: Você já encontrou algum tipo de empecilho para dançar?

DB: Lugares, tem lugares que não oferecem local para deficientes, um lugar que realmente te acolhe bem, falta acessibilidade.

SA: Para fazer aula em Uberlândia você sentiu falta de acessibilidade?

DB: Senti também, porque não acha muitos professores que querem ensinar pessoas deficientes, tem professores que têm medo. Teve até uma vez que um professor de teatro disse que não saberia se daria conta de mim, de dar aula pra mim, por exemplo, que foi uma das situações que eu passo.

SA: Em relação à acessibilidade, qual fator que você acha que é mais difícil? Transporte, estrutura?

DB: Tem palco que não tem rampa, tem lugar que é só escada, tem banheiro que é muito estreito e não passa uma cadeira (de rodas), tem lugares que não tem como você se mover – tem o chão ruim, tem lugares que tem muita subida e descida e é mais difícil.

SA: Sua família gosta que você dance?

DB: Minha mãe gosta, meu pai já não tanto, queria que eu fizesse administração, ou um outro tipo de formação que ganhasse muita grana. Meu maior objetivo é conseguir mostrar que não, que a dança sim dá para ganhar dinheiro, dá para sobreviver.

SA: Hoje em dia, qual é a sua rotina de trabalho?

DB: Só as aulas com a Fernanda (Bevilaqua), os ensaios no projeto é só quando ele passa e sai a programação de excursão e a gente viaja. O trabalho de Tributo ao Michael Jackson eu que faço as atualizações (coreografia/montagem) e a Fernanda sempre me ajuda também.

SA: Você sabia que na UFU tem graduação em Dança?

DB: Sim, deve ter uns 4 anos, por aí.

SA: Você gostaria de cursar uma graduação em Dança? Por quê?

DB: Eu sempre pensei em fazer a faculdade de dança, mas sempre dá uma pensada se eu faço ou não faço. Aí eu não acabei fazendo ainda, mas sempre passa pela cabeça. Vontade a gente tem, mas tem hora que vai e que não vai. Basicamente é isso, tem que ter rotina, tem que ter horário. Por exemplo, no projeto, eu não posso ficar integral na faculdade, o projeto quando o coordenador me chama eu tenho que estar preparado para sair, para viajar. Tenho que ter tempo para fazer os trabalhos da faculdade e ter tempo para trabalhar e viajar também. Inclusive ele (o coordenador do projeto) me disse para não fazer faculdade agora, porque ele ia precisar muito de mim e eu acabei não fazendo.

SA: Tem algum tipo de empecilho para você não fazer graduação em dança aqui em Uberlândia?

DB: Receio só... Se vai ser bom. Se os professores vão ser bons. Se eu vou ser bem aceito. Em relação a forma de trabalhar.

Cassilda Borges (Mãe do Dyego): Quando ele falou das dificuldades, eu acho que isso é grande. Ele foi dançar sábado numa ONG e tinha uma coisa dessa altura para subir de degraus; e para gente chegar na porta não tinha jeito porque o povo colocou carros. Então assim, essa coisa do empecilho, das atitudes das pessoas, na minha percepção, não é menor que o físico. Essa coisa do teatro, o professor realmente foi categórico, “não aceito deficiente/não sei fazer isso” - ele não aceitava na instituição dele, mas tem um monte de capacitista.”

DB: Mas mãe, quando você falou de pessoas, eu me incomodo muito com as pessoas. Por exemplo, no Dançaraxá o júri disse: “eu não sei como te avaliar, porque você é um deficiente”. Então é tipo esses negócios que atrapalham bastante, não é porque você é deficiente que você não é artista. Já dancei em alguns grupos, participei do carnaval de 2023, já pesquisei alguns grupos profissionais. Gosto muito do grupo Corpo, de um grupo de Brasília e da UFBA. O Edu (Oliveira) foi minha inspiração. É um dos melhores dançarinos deficientes do país, ele é uma das pessoas incríveis lá e tem vários projetos, é um dos meus

incentivos. O projeto que eu participo chama Dança Inclusiva, tem outros dançarinos, fazem solos e duos também.

ENTREVISTA 3 - WELLINGTON MORAES

SA: Qual o seu nome?

WM: Me chamo Wellington, alguns me conhecem como Wellington Forrozeiro.

SA: Quantos anos você tem?

WM: Tenho 47 anos.

SA: Você tem alguma deficiência? Se sim, qual?

WM: Sim, tenho deficiência auditiva, minha perda é severa e profunda.

SA: Há quanto tempo você dança?

WM: Eu danço dança de salão faz 2 anos.

SA: Fale um pouco sobre sua trajetória na dança: (onde pratica/como começou/ se teve alguma influência para começar a dançar):

WM: Meu início foi aos 19 anos, meu pai tinha uma banda de forró e eu passei a acompanhar meu pai. Eu tinha uma namorada que também não sabia dançar, mas a gente foi aprendendo junto o dois pra lá dois pra cá e, modéstia à parte, aprendemos rápido e a gente dançava bem o básico arroz com feijão. Porém, dança de salão eu comecei a fazer aula aos 45 anos. Depois que eu me divorciei e já estava a 10 anos sem dançar. Eu tomei essa decisão de fazer aula de dança de salão porque os lugares que eu dançava evoluíram muito e queria me atualizar e me desenvolver, além de que eu me espelhava num vídeo do *YouTube* de um dançarino famoso do estilo forró roots de Itaúna chamado Márcio Juruna; não só por isso, mas porque eu amo a dança e esse estilo de vida. Meu primeiro professor foi Cristiano Barcellos que dava aula no Espaço Leo Siqueira. Depois fiz aula na Oficina Cultural, fiquei dois meses aprendendo com Alex da Academia Twist. Por último, ingressei como bolsista na academia Top Dance do professor e proprietário Mauro Afonso. Eu permaneci por 1 ano na Top

Dance e foi o lugar onde eu aprendi muito e pude através dela conhecer a cultura e a comunidade da dança de salão.

SA: Você é um profissional da dança? Explique:

WM: Por profissional eu entendo que é alguém que recebe dinheiro como trabalho na dança. Por enquanto não sou um profissional desse tipo, tenho pensamento de um dia ser, estando preparado para isso, mas eu me considero um profissional a julgar pela minha habilidade no que tenho aprendido até aqui na academia Top Dance.

SA: Você considera a dança um *hobby* ou deseja torná-la sua profissão? Se sim, como?

WM: Considero a dança um hobby e desejo torná-la uma profissão de acordo com as circunstâncias do meu desenvolvimento e das oportunidades. Como sou músico instrumentista, então me dedico às duas artes e preciso equilibrar isso e gerenciar o tempo.

SA: Você já encontrou algum tipo de empecilho para dançar?

WM: Não tive empecilho, apesar de ter uma habilidade natural também, não tive apoio. Sempre fui livre pra dançar, e hoje eu lamento porque fiquei 10 anos sem dançar. Foi uma fase na minha vida. Hoje eu penso que se eu tivesse iniciado na dança de salão nos meus 20 anos e não tivesse parado, eu estaria muito mais feliz do que estou hoje aos 47 anos, ao me envolver e mergulhar no mundo da dança de salão.

SA: Sua família gosta que você dança?

WM: Sim, minha família gosta e me apoia na dança.

SA: Você sabe que na UFU tem graduação em Dança?

WM: Eu não sabia, só fui saber depois que passei a frequentar a comunidade da dança de salão e vi a atuação de profissionais. Antes eu frequentava apenas casa de forró com pessoas simples, dança simples sem nada de movimentos elaborados.

SA: Você gostaria de cursar uma graduação em Dança? Por quê?

WM: Sim, eu gostaria. Porque é bom ter uma marca e uma identidade, aprendi isso com meu professor Mauro Afonso. Eu só não sei quando, mas gostaria sim de um dia ser especialista ou referência para alguém em pelo menos em uma modalidade de ritmo de dança.

ENTREVISTA 4 - MARIANA CARVALHO

SA: Qual o seu nome?

MC: Mariana Carvalho Costa e Silva.

SA: Quantos anos você tem?

MC: 40 anos.

SA: Qual a sua deficiência?

MC: Tenho baixa visão. Desenvolvi por conta de uma alta miopia. Desenvolvi uma doença degenerativa que foi diminuindo a minha visão ao longo dos anos e hoje em dia eu tenho uma acuidade visual bem baixa.

SA: Há quanto tempo você dança?

MC: Comecei fazendo aulas assim quando criança, depois dei uma parada durante um tempo da minha vida e depois eu voltei a procurar a dança aula na idade adulta. As primeiras aulas que eu fiz foram balé e jazz, hoje em dia eu faço parte das aulas de dança com a Fernanda Bevilaqua, na *Uai Q Dança*, de uma modalidade que ela chamou de "*Bledns*". É uma mistura mesmo, que reúne várias modalidades que ela trabalhou durante toda a vida dela, com as experiências dela. Então reúne balé, dança contemporânea, dança afro, enfim... E com a Paty (Patrícia Chavarelli) a gente tem um grupo agora, onde reunimos todos os sábados de manhã que é de improvisação, baseado mais na improvisação mesmo. Somos um grupo de 8 mulheres, incluindo a Fernanda (Bevilaqua), que nos dirige e nos orienta, e a gente se encontra pra fazer esse trabalho mesmo de criação, improvisação na dança, mais pautado na dança contemporânea mesmo.

SA: Por favor, fale um pouco sobre sua trajetória na dança: (onde pratica/como começou/ se teve alguma influência para começar a dançar):

MC: Nas primeiras aulas mais na infância, acaba que tem uma coisa mais da família mesmo, da mãe. Depois na minha retomada, na idade adulta, foi um desejo meu mesmo, porque eu sempre gostei muito de dançar e de estar envolvida em atividades que incluíssem a dança. E eu fiz também outras modalidades durante a vida, fiz dança de salão também depois de adulta, então assim, eu sempre fiquei indo e voltando (para a dança).

SA: Você é um profissional da dança?

MC: Não. Eu não me considero uma profissional da dança, aliás no grupo, é um grupo bem diverso, tem profissionais da dança e tem pessoas que não são profissionais, assim como eu, e esse é o objetivo mesmo. Eu acho que eu não tenho uma formação tão concreta, tanta experiência assim, tive momentos que estive dançando e outros não. Então eu acho que não tenho uma formação concreta assim para me afirmar como uma profissional (de dança). Eu sou formada em letras, sou professora de língua portuguesa e literatura.

SA: Você considera a dança um hobby ou deseja torná-la sua profissão? Se sim, como?

MC: Não, eu nunca pensei em trabalhar com a dança profissionalmente, sempre achei na dança um refúgio, um hobby, uma coisa que eu sempre gostei muito de fazer. Talvez seja porque eu não tenha tanta formação técnica suficiente pra isso.

SA: Você já encontrou algum tipo de empecilho para dançar?

MC: Até que não assim, como eu tenho a baixa visão, no começo, eu fiquei um pouco insegura de voltar. Como eu disse, a minha doença é degenerativa e eu fui diminuindo o meu percentual de visão ao longo do tempo. Então quando eu voltei, quando eu fui fazer as aulas com a Fernanda, foi até uma coisa que eu conversei com ela, de uma certa insegurança que se tem sobre conseguir fazer parte daquilo né? Algumas situações desafiadoras, por exemplo, dançar na ausência de luz, como nós já fizemos alguns experimentos, enfim. Então eu passei algumas situações desafiadoras, mas não foram nada que me impediu

de dançar, sabe? E aí eu me senti muito acolhida assim (com a Fernanda), como são pessoas que trabalham com a diversidade, que acolhem mesmo essas diferenças. Então assim, em momento algum eu senti uma inapropriação do espaço, do ambiente, da aula, do grupo, então é uma insegurança pessoal mesmo que foi muito bem conduzida por ela (Fernanda).

SA: Sua família gosta que você dança?

MC: Sim minha família sempre apoiou muito, as minhas primeiras aulas na infância foram por conta da minha família, e eles sempre me incentivaram.

SA: Você sabe que na UFU tem graduação em Dança?

MC: Sim, até acompanho nas redes sociais para saber das oficinas. Deve ter cerca de uns 5 ou 6 anos que eu sei da existência do curso.

SA: Você gostaria de cursar uma graduação em Dança? Por quê?

MC: Acho que a graduação eu não faria, pela questão da profissionalização mesmo. Eu sempre gosto de participar quando posso, de oficinas e outras atividades, mas uma graduação não. Uma porque eu já tenho 40 anos e uma profissão, então uma graduação exige uma dedicação então eu não sei se teria todo esse empenho de fazer uma graduação em dança.

SA: Na UFU ainda não houve nenhuma entrada de PCD's. Qual a sua opinião a respeito desse dado?

MC: Eu acho que começa já, eu que sou professora da educação básica, começa pela questão da inclusão que realmente ainda é muito inicial. A gente percebe que recentemente pessoas com deficiência foram de fatos inseridos numa classe de aula comum e tiveram realmente a oportunidade de ter uma formação de educação básica. Aí muitos, mal conseguem concluir o ensino médio, por conta das limitações, das dificuldades que são impostas, das barreiras, da falta de adaptação de materiais, falta de formação profissional. Enfim, eu acho que começa na educação básica. Então pra muitos, eu acho que nem sei se existe esse "vislumbrar" uma graduação, sabe? Eu trabalhei numa escola muitos anos como professora de EJA para alunos com deficiência, e a gente percebem que eles concluem no máximo o ensino médio. Muitos deles, eu acho que é uma

questão da formação educacional do Brasil que é falha mesmo, que não investe, que não incentiva, que não tem um atendimento educacional adequado para essas pessoas estarem nas escolas e nas universidades, né? Eu fico pensando com seria também para uma pessoa com deficiência estar em uma universidade? A gente sabe que existem, são poucas, mas que tipo de recurso/atendimento que a Universidade oferece pra essa pessoa conseguir se manter, né? Então eu penso que esses empecilhos atrapalham muito assim, no sentido de a pessoa tentar né? Eu fico pensando na dança então, que envolve muito o corpo, deve ser um desafio maior talvez, se você for pensar numa deficiência auditiva, visual ou física, a dança é o corpo todo envolvido né? Você deve ter entrevistado o Dyego também, ele foi até o meu aluno já (rsrsrs). Eu fico olhando pra ele e pensando, é um desafio muito grande ser uma pessoa com deficiência física e dançar, você tem as barreiras espaciais e dos próprios locais em si, e principalmente, do preconceito. Eu lembro que no ano passado, teve um espetáculo de dança só com pessoas deficientes aqui no teatro da Rondon Pacheco, eu não lembro o nome, tinham várias pessoas com vários tipos de deficiências. Eu fui assistir e percebi o quão poucas pessoas tinham participado daquilo, então assim, tem uma barreira que o preconceito é muito forte. Ainda tem aquela coisa do capacitismo, de não perceber que aquela pessoa é capaz de conseguir fazer e conseguir desenvolver, então eu acho que a gente ainda tem que avançar muito enquanto sociedade. Não só nas questões educacionais, mas também nas questões que envolve o preconceito mesmo. Eu, por exemplo, tenho uma deficiência que me permite fazer a maioria das coisas sozinha, né? Eu tenho recursos ópticos que me permitem trabalhar, uso lupas de aumento, então eu consigo trabalhar; mas assim, outras deficiências que são mais incapacitantes que as vezes precisam de um recurso que a Universidade poderia oferecer, eu fico pensando, será que essas pessoas vão ter acesso a isso? Uma pessoa com cegueira total por exemplo, ela vai ter acesso ao material em braile na Universidade? Os professores vão adaptar o material pra ela? Então eu me questiono mesmo nesse sentido se realmente a Universidade está apta a receber esses alunos para que de fato eles se sintam acolhidos.

SA: A partir das suas vivências, o que você acha a respeito da inclusão e acessibilidade na cidade de Uberlândia?

MC: Eu acho que Uberlândia tem um avanço nessa questão de acessibilidade, até mesmo de inclusão, eu sou professora, por exemplo, e trabalho para a prefeitura, né? E eu vejo que a prefeitura de Uberlândia, querendo ou não, mesmo que não seja o ideal, tem feito um trabalho no sentido de voltar o olhar pra essas pessoas, pra essas crianças e adolescentes. Estruturalmente também, a gente percebe que há alguns avanços. Eu acho que como toda sociedade de uma maneira geral, ela tem muito que mudar, são pequenos passos, são mudanças que a gente vai vendo ao longo do tempo, né? Mas assim, se a gente for pensar, 20 anos atrás a gente não tinha demarcação de vagas para pessoas com deficiência no estacionamento, por exemplo. Eu nunca estudei, na minha sala de aula, com pessoas com deficiência. Hoje praticamente em todas as salas de aulas das escolas da prefeitura vai ter algum ou outro aluno com deficiência. Então a gente perceber que aos poucos a mudança vai acontecendo. A cidade vai se tornando um pouco mais inclusiva, mas é uma luta constante e eu acho que muito longa pra se chegar de fato a um modelo ideal para que as pessoas de fato se sintam incluídas no ambiente.

MC: Eu lembrei de uma situação, acho que foi o ano passado ou retrasado. Tem aquele festival, o Cria, de dança contemporânea, e aí eu fui assistir até uma amiga que dança comigo, e aí eles me mandaram um link de inscrição e foi a primeira vez que eu vi uma inscrição que perguntava se eu tinha alguma deficiência ou necessidade especial. Aí eu coloquei que tinha baixa visão e eles me ligaram pra saber o que poderiam fazer pra tornar minha experiência de assistir ao espetáculo melhor, né? E eu fiquei surpresíssima com aquilo, né? Porque nunca tinha me acontecido. Toda vez que eu quero ver alguma coisa, eu tenho que dar um jeito de me virar e correr pra comprar os primeiros lugares e chegar na frente e garantir pra poder enxergar um pouco melhor. Hoje em dia eu uso uma lupa pra enxergar a longa distância, mas eu sempre tive que dar o meu jeito, né? Eu achei muito legal. Disse que se tivesse um lugar mais próximo e mais na frente pra mim já era o suficiente. Aí eu cheguei lá e estava marcado o lugar com o meu nome e do lado tinha de uma pessoa idosa também e eu achei muito legal porque foi a primeira vez na minha vida que um festival de dança tinha se preocupado com esse detalhe. Eles foram muito atenciosos. Eu acho que agora muitas pessoas estão notando que as pessoas com deficiência estão

por aí. Porque por muito tempo elas ficaram escondidas nas suas casas sem acesso à socialização. Então eu acho que é um caminho ainda mesmo.

ANEXO 3 - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM - FOTOGRAFIA E VÍDEO**

Neste ato, eu Claudia Roberta Nunes Batista brasileiro(a), portador do RG nº _____m7607393_____, Inscrito no CPF sob nº _____02727950624_____. AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material de fotos e vídeos, por prazo indeterminado, como parte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvida por Stéfany Antonia Silva no Curso de Graduação em Dança da UFU.

Estou ciente que o uso das imagens fotográficas e vídeos poderão ser reproduzidos em publicações, comunicações de evento da área, peças publicitárias, relatório de atividades, artigos, dentre outros. A presente autorização compreende o uso em qualquer meio físico ou digital, inclusive impressões e divulgação na internet. Fica autorizada também a utilização desses materiais para o envio para editais, mostras, concursos, entre outros.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

Uberlândia, _16___de dezembro de 2024.

 Documento assinado digitalmente
CLAUDIA ROBERTA NUNES BATISTA
Data: 16/12/2024 17:27:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(assinatura)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM - FOTOGRAFIA E VÍDEO

Neste ato, eu, DYEGO BORGES DA SILVA OLIVEIRA, M.
brasileiro(a), portador do RG nº 22.290.990, Inscrito no
CPF sob nº 216.177.016-80. AUTORIZO o uso de minha
imagem e voz em todo e qualquer material de fotos e vídeos, por prazo indeterminado,
como parte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvida por Stéfany
Antonia Silva no Curso de Graduação em Dança da UFU.

Estou ciente que o uso das imagens fotográficas e vídeos poderão ser reproduzidos em
publicações, comunicações de evento da área, peças publicitárias, relatório de
atividades, artigos, dentre outros. A presente autorização compreende o uso em
qualquer meio físico ou digital, inclusive impressões e divulgação na internet. Fica
autorizada também a utilização desses materiais para o envio para editais, mostras,
concursos, entre outros.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz
ou a qualquer outro.

Uberlândia, 11 de dezembro de 2024.

DYEGO BORGES DA SILVA OLIVEIRA M. (assinatura)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM - FOTOGRAFIA E VÍDEO

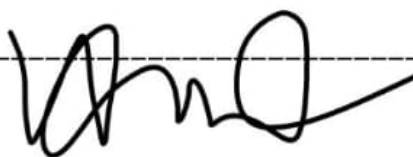
Neste ato, eu, Wellington Moraes,
nacionalidade brasileiro estado civil _____,
Portador da Cédula de Identidade RG nº _____,
Inscrito no CPF sob nº 054563***58. AUTORIZO o
uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material entre fotos e vídeos, por prazo
indeterminado, como parte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso
desenvolvida por Stéfany Antonia Silva no Curso de Graduação em Dança da UFU.

Estou ciente que o uso das imagens fotográficas e vídeos poderão ser reproduzidos em
publicações, comunicações de evento da área, peças publicitárias, relatório de
atividades, dentre outros. A presente autorização compreende o uso em qualquer meio
físico ou digital, inclusive impressões e divulgação na internet. Fica autorizada também
a utilização desses materiais para o envio para editais, mostras, concursos, entre
outros.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz
ou a qualquer outro.

Uberlândia, 28 de Fevereiro de 2025.

Nome: Wellington Moraes



(assinatura)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM - FOTOGRAFIA E VÍDEO

Neste ato, eu, **Mariana Carvalho Costa e Silva**, nacionalidade **brasileira**, estado civil **solteira**, portador da Cédula de Identidade RG nº **13.141.381**, inscrito no CPF sob nº **071.451.726-74**. AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material entre fotos e vídeos, por prazo indeterminado, como parte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvida por Stéfany Antonia Silva no Curso de Graduação em Dança da UFU.

Estou ciente que o uso das imagens fotográficas e vídeos poderão ser reproduzidos em publicações, comunicações de evento da área, peças publicitárias, relatório de atividades, dentre outros. A presente autorização compreende o uso em qualquer meio físico ou digital, inclusive impressões e divulgação na internet. Fica autorizada também a utilização desses materiais para o envio para editais, mostras, concursos, entre outros.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

Uberlândia, 11 de março de 2025.

Nome: Mariana Carvalho Costa e Silva

Documento assinado digitalmente
 **MARIANA CARVALHO COSTA E SILVA**
Data: 11/03/2025 17:28:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Assinatura)